



Jornal O Cola

DE LETRAS PARA LETRAS

REPORTAGEM

25 ANOS A CELEBRAR CINEMA

Conhece a história do Núcleo
de Cinema e Vídeo da
Faculdade de Letras

(p. 9)



FILIPE AFONSO



PROF. JOSÉ DUARTE



MARTA CARVALHO



LOUCURA!

«Somos cobardes. Tememos
as questões. Ora, eu não! Eu
vivo as perguntas! A dúvida
não me assombra, é o
bebedouro que me dá vida.
Todos os dias renasço – como
posso admitir ser a mesma
pessoa que ontem?»

p. 2

OSSOS

«Quando o silêncio engole a noite
E nenhuma voz me vem salvar,
O meu corpo não controla
Nem quer controlar
Tudo o que me engloba e me
quer matar.»

p. 33

O ESQUELÉTICO SALVO DA FORÇA POR DEUS

«Era tão magro, tão esquelético
e leve que, quando o
condenaram à força e deram
execução à sentença, o seu peso
não foi suficiente para que o
baraço fizesse o seu trabalho.»

p. 7

Top 5 Livrarias em Lisboa

1. Greta Livraria Feminista

A Greta, um projeto de Lorena Travassos, é uma livraria e um espaço que se destina à venda de material artístico e literário produzido por mulheres, como livros, artes gráficas, revistas e zines. Enquanto livraria, disponibiliza livros autopublicados ou publicados em «pequenas» editoras, que não têm lugar nas estantes das grandes livrarias. No seu espaço, acontecem debates, *workshops* e lançamentos de livros. Há também lugar para o desenvolvimento de estudos sobre género, contribuindo para o debate feminista. A Greta é um sítio seguro para o encontro e debate entre comunidades. É, sobretudo, «um espaço aberto a qualquer pessoa interessada em conhecer as publicações e produções artísticas produzidas por mulheres.»

2. Piena - Libri Persone Visioni

A Piena é a primeira livraria italiana independente situada em Lisboa. É descrita por Elisa Sartor e Sara Cappai, sócias e amigas, como sendo «o lugar certo para quem procura a língua italiana para se sentir mais perto de casa ou para quem deseja descobri-la e conhecê-la sem precisar de apanhar um avião. É uma ponte que liga Portugal e Itália.» Nas prateleiras desta livraria, podemos encontrar romances, contos e ensaios de autoras e autores italianos, assim como livros estrangeiros traduzidos para a essa mesma língua. Neste espaço, acontecem também eventos literários e eventos dedicados à arte em todas as formas. É um lugar de intercâmbio cultural entre diferentes comunidades que vale a pena visitar.

3. Livraria Sá da Costa

Sá da Costa, uma livraria alfarrabista fundada em 1913, tem hoje mais de um centenário e situa-se no centro da cidade. É uma paragem «obrigatória», se procuras principalmente raridades do séc. XV ao séc. XX e manuscritos, literatura moderna e até livros mais recentes! Para além de pilhas e estantes repletas de livros, encontram-se quadros, fotografias antigas, discos, revistas,

postais, mapas e muitos outros objetos fascinantes que transformam esta livraria num antiquário e museu! A livraria realiza também vários eventos, tais como exposições de pintura, escultura e jóias, além de *workshops* e lançamento de livros.

4. Livraria da Travessa

A Travessa, livraria que abriu originalmente em 1975 no Rio de Janeiro, e que mais tarde se expandiu até ao Príncipe Real em Lisboa, é o local ideal para amantes de livros. Esta não se limita a vender apenas livros (estando esses em português, inglês, francês ou italiano), mas também «*merchandise* literária.» Realizando eventos regularmente, desde lançamentos de livros a diálogos com autores, é garantido que esta livraria é um espaço muito animado e que todos os leitores devem visitar!

5. INDIE not a bookshop + Déjà Lu

A INDIE not a bookshop é uma livraria recente (tendo sido criada durante a pandemia) dedicada a tudo literatura: embora venda maioritariamente livros em inglês, também se encontram obras em português assinadas pelos respetivos autores, *merchandise* literária e até posters artísticos! Esta livraria também realiza eventos de discussão com autores e lançamentos/apresentações de livros e, mais recentemente e com parceria com a sua livraria «vizinha», Déjà Lu, onde se encontram obras em segunda mão com preços muito acessíveis. Tem ainda o seu clube de leitura e *workshops* de escrita criativa.

Loucura!

Autoria: Alexandra Guçu
Edição: Ricardo Cerdeira
Ilustração: Alexandra Guçu

Prezada alma de Campos, como desejo que reencarnes em mim! E como eu te aceitarei, difícil é ser eu. Qual originalidade qual quê? Acabou-se! Chegaram ao limite os pensamentos – teus e meus! Vivamos, então. Que nos importa o significado disto ou daquilo? Nada está puramente definido. Criámos as definições e conformámo-nos com elas. Continuemos, então.

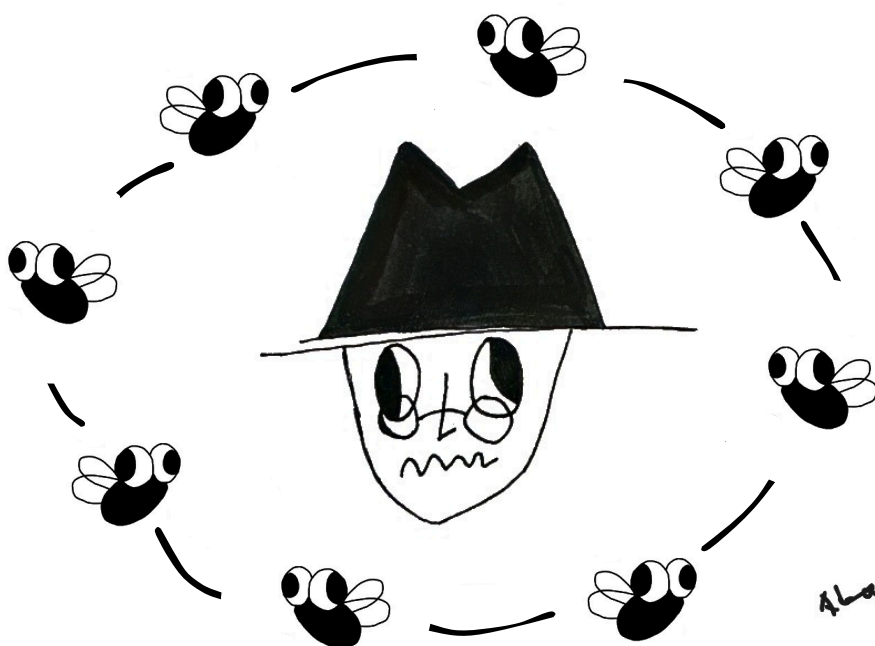
Somos cobardes. Tememos as questões. Ora, eu não! Eu vivo as perguntas! A dúvida não me assombra, é o bebedouro que me dá vida. Todos os dias renasço – como posso admitir ser a mesma pessoa que ontem? Esses filósofos... Eu não podia ser como eles! Que sabem eles sobre alguma coisa? Qualquer coisa! Eu não quero saber nada. Fui amaldiçoada, porém, com esta consciência maldita. Não quero pensar! Não quero filosofia! Teorias malditas... A natureza que dizem ser do Homem assombra-me, vejam como eu sou hipócrita! Admitam-no!

Ah, sofrimento! O braço direito do Homem! Deixemo-nos de fugir do sofrimento. Afundemo-nos nos únicos prazeres da vida –

as coisas que não existem. Não nos libertemos do jugo da imaginação, nossa verdadeira amiga. É nela que encontramos a fuga desta vida e dos horrores por nós criados. Afoguemo-nos nesse belo e vasto mar. Olhemos o céu e imaginemos todas as coisas que não existem. Que belas que estas são! Ah, sermos inconscientes na nossa consciência. Se sofremos, ora, que mais poderemos fazer?

E se eu fosse uma mosca? Viver à espera do som do estalar! O meu corpo torcido, esmagado. Ser livre! Viver sem receios. Apenas uma mosca. E o Homem? Tolo! Julga-se tão superior à mosca e olha para ele. Talvez a mosca seja a filósofa da vida! Compreende a vida, pois desta nada sabe. Que sábia que é! O único azar da mosca é o Homem, de resto que tem? Voa livre, sem qualquer pensamento. Vida e morte? Significados? Definições? A miséria é toda do Homem! E que fique com ela. Mas que hipócrita que fui! Como sei eu se a mosca não pensa?

Espero tornar-me numa mosca amanhã. Que confusão que eu sou!



Um Apelo ao Regresso da Vita Contemplativa

Autoria: João Amaral
Edição: Mafalda Vale

O estado patológico no século XXI é marcado, essencialmente, por aquelas a que chamamos doenças neurológicas, das quais se realçam: a depressão, o défice de atenção (ADHD), transtorno de personalidade *borderline* (BPD) e a hiperatividade. A tendência para o aparecimento exponencial deste tipo de distúrbios é resultado daquilo a que o filósofo Byung-Chul Han denomina por «excesso de positividade». De que se trata este conceito e a que é que se deve? Podemos considerar esta questão e as suas possíveis respostas como aquilo que está no cerne da análise sociopsicológica do autor sul-coreano em *A Sociedade do Cansaço*.

Nascido em 1959 em Seul, Coreia do Sul, Byung-Chul Han é consensualmente reconhecido como um dos grandes pensadores e teóricos culturais no contexto da filosofia contemporânea. Doutorado na obra de Martin Heidegger, Han estudou Filosofia, Literatura Alemã e Teologia, sempre na Alemanha, onde, aliás, se naturalizou. Atualmente professor na Universidade das Artes de Berlim, leciona Filosofia e Estudos Culturais desde 2012 e é autor de mais de uma dezena de trabalhos teóricos e ensaios. *A Sociedade do Cansaço*, lançado em 2010, é o seu trabalho mais conhecido e não é por acaso. É, talvez, o exemplo que melhor traduz a sua filosofia; através do qual somos capazes de entender aqueles que são os principais temas e preocupações da sua visão filosófica acerca da sociedade.

Han afirma que o século XXI enfrenta uma situação distinta da das épocas anteriores, em que as principais aflições eram provocadas por motivos de origem bacteriana ou viral. O passado histórico, anterior à viragem do século, pode fazer-se corresponder a uma era de imunologia. Isto é, uma sociedade onde eram específica e criticamente apontados e distinguidos os conceitos antónimos uns dos outros: amigo e inimigo; próprio e outro; dentro e fora. Basta olhar-se para a Guerra Fria, durante a qual termos imunológicos como «ataque», «defesa», «amigo» e «inimigo» eram predominantes no discurso da esfera público-mediática. Ora, devido ao avanço da tecnologia

imunológica, este estado de viralidade foi combatido – assim, o século XXI é particularizado por um outro ambiente patológico, em que, o estado imunológico está a ser substituído por outro. O paradigma demonstra-se incompatível com o processo de globalização. A sociedade que antes atuava com base na imunologia, através de fronteiras, transições e muros que preveniam trocas e intercâmbio já não é a atual: «Hoje a sociedade está a entrar cada vez mais numa constelação que se afasta totalmente do esquema de organização e de defesa imunológicas. Caracteriza-se pelo desaparecimento da alteridade e da estranheza. A alteridade é a categoria fundamental da imunologia. Toda e qualquer reação imunológica é uma reação à alteridade. Mas hoje em dia, em lugar da alteridade entra em cena a diferença, que não provoca nenhuma reação imunológica.(...) Falta à diferença, de certo modo, o aguilhão da estranheza, que provocaria uma violenta reação imunológica. Também a estranheza se neutraliza numa fórmula de consumo. O estranho cede lugar ao exótico. O turista viaja para visitá-lo. O turista ou o consumidor já não é mais um sujeito imunológico.»[1]



A sensação de que cada um é o principal responsável pelo seu sucesso, através do mérito e da superprodução, distingue a sociedade contemporânea pelo efeito que tem no indivíduo comum(...). Cada um se encontra num constante e ininterrupto estado de confronto pessoal com o objetivo de alcançar um suposto prémio ou recompensa material.

Assim, situamo-nos numa altura em que a negatividade se mostra ausente. A dialética da negatividade que singulariza a imunologia foi trocada pela dialética da positividade: «A violência não provém apenas da negatividade, mas também da positividade, não apenas do outro ou do estranho, mas também do Igual.» [2] Num sistema dominado pelo Igual, não existe a necessidade ou sequer preocupação de criar defesa imunológica.

Segundo Han, a violência da positividade provém da superprodução, superdesempenho e supercomunicação. Estes fenómenos, que o filósofo afirma terem tido origem no capitalismo tardio, movidos pelas forças tecnológicas que, por sua vez, contribuem para as forças económicas, são a sua principal preocupação. A interação entre aspetos políticos, económicos e sociológicos com questões da saúde mental e emocional (destaca-se a depressão, a hiperatividade, o *burnout* mental, a bipolaridade e o défice de atenção) é o centro do livro. De acordo com Han, o neoliberalismo que define a sociedade atual é um sistema cada vez mais individualista e psicologicamente violento, em que se afirma orgulhosamente a ilusão de que «tudo é possível».

A sensação de que cada um é o principal responsável pelo seu sucesso, através do mérito e da superprodução, distingue a sociedade contemporânea pelo efeito que tem no indivíduo comum, na maneira como as pessoas se veem a si próprias e aos seus objetivos de vida. Han compara esta relação interpessoal à relação mestre-escravo. Cada um se encontra num constante e ininterrupto estado de confronto pessoal com o objetivo de alcançar um suposto prémio ou recompensa material, ao ponto em que o comportamento se torna hiperativo, desgastante e excessivamente competitivo.

Às tantas, é mencionado o famoso pensador francês Michel Foucault, conhecido por ter dado origem ao pós-estruturalismo. Han estabelece uma distinção entre a sua teoria da sociedade da positividade e a teoria de uma sociedade da disciplina envisionada por Foucault. Por um lado, as duas apresentam uma certa ligação (e até continuidade), visto que visam apontar uma crítica à obsessão capitalista no que toca ao incentivo de maximizar a produção a qualquer custo, que opera, em ambas as teorias, perante o «subconsciente social». No entanto, Byung-Chul

Han julga que, uma vez que os limites da tecnologia disciplinar foram atingidos, foi necessário impor à população uma transição de paradigma que continuasse a ter como função essencial o aumento da produtividade. O sujeito, inconsciente perante as injustiças sociais, já completou a fase disciplinar. Agora, o foco encontra-se pura e simplesmente no aumento da produtividade. E, segundo Han, a forma ideal de tornar este sistema realidade é através do desaparecimento da negatividade (que estava na base da sociedade disciplinar imaginada por Foucault), apostando no excesso de positividade. O grande trunfo da sociedade que atua sob o excesso de positividade em vez de negatividade é o tremendamente perverso engenho de impor no indivíduo uma ilusão de que este é um ser livre. «A lamúria do indivíduo depressivo «nada é possível», só se torna numa sociedade que crê que «nada é impossível»»[3].

Qual é, então, a solução que nos pode ser apresentada para esta lamentável situação a que todos estamos submetidos? No intuito de nos apresentar as ideias que nos ajudarão a superar a violência do individualismo, Byung-Chul Han decide invocar (mais do que uma vez) outra figura no campo da filosofia, crítica da época da modernidade: Friedrich Nietzsche. Após um capítulo em que contesta a *vita activa* defendida por Hannah Arendt em *A Condição Humana*, Han alude a Nietzsche e à importância da filosofia oposta: a *vita contemplativa*. No quinto capítulo – (A Pedagogia do Ver) – o interesse essencial do autor é a denúncia das atividades tão louvadas e conceitos tão valorizados numa sociedade em que a eterna competição reina. A noção de *multitasking* é, de acordo com Han, uma prática autenticamente banal no reino animal. Indo mais longe ainda, sugere que é o que distingue o animal irracional do ser humano. O *multitasking* ordinário, característico dos animais selvagens, é precisamente o que os impede de alcançarem a racionalidade. Um animal irracional tem como obrigação dividir a sua atenção por várias tarefas. «Aos ativos falta usualmente a atividade superior [...] e nesse sentido eles são preguiçosos. [...] Os ativos rolam como rola a pedra, segundo a estupidez da mecânica».[4]

Continua, ao indicar que os avanços culturais e científicos se devem, em grande parte, à capacidade de contemplatividade e reflexão, em oposição à atividade incessante e fútil. Aquilo que Han intitula «reflexão imersiva»

está cada vez mais em desuso, sendo permutada pela atenção hiperativa. Como a mente do homem comum do século XXI não tem tempo – ou espaço – para o tédio, não tem, consequentemente, tempo para a «liberdade criativa».

Ainda no quarto capítulo, Tédio Profundo, é defendida a ideia de que este é necessário para que uma ação realmente criativa ou saudável aconteça. É apenas através do olhar contemplativo e de uma atenção profunda – não superficial, isto é, focada na essência das coisas, ao invés da hiperativa e multitasker – que o Homem entra em contacto com o mundo e é capaz de expressar arte de valor. Idealmente, através dessa expressão consegue encontrar o seu próprio valor nesse mesmo mundo. Distanciando-se do sociólogo Alain Ehrenberg, Han critica a analogia que o francês faz entre o indivíduo da sociedade atual com o «Übermensch» de Friedrich Nietzsche. Opondo-se a Ehrenberg, considera que o atual sujeito do desempenho é tudo menos «Über» (soberano) perante si mesmo. O sujeito do desempenho está destinado ao estado de depressão; é um animal-trabalhador que nada faz para além de se explorar a si próprio. É predador e presa ao mesmo tempo. Han, fundamentando por via de uma citação direta, salienta a posição que tinha Nietzsche acerca da infelicidade que é a hiperatividade e, em oposição, a importância que a contemplatividade traz consigo.

«O próprio Nietzsche, que substituiu o ser pela vontade, sabe que a vida humana finda numa hiperatividade mortal se dela for expulso todo elemento contemplativo: “Por falta de repouso, a nossa civilização caminha para uma nova barbárie. Em nenhuma outra época os ativos, isto é, os inquietos, valeram tanto. Assim, pertence às correções necessárias a serem tomadas quanto ao caráter da humanidade fortalecer em grande medida o elemento contemplativo.”»[5]

Referências:

- [1] Han, Byung-Chul. “Violência neuronal” In A Sociedade Do Cansaço. (pp. 8). Lisboa Relógio D’ Água Editores. 2024
- [2] Han, Byung-Chul. “Violência neuronal” In A Sociedade Do Cansaço. (pp. 10). Lisboa Relógio D’ Água Editores. 2024
- [3] Han, Byung-Chul. “Além da sociedade disciplinar” In A Sociedade Do Cansaço. (pp. 16). Lisboa. Relógio D’ Água Editores. 2024
- [4] Han, Byung-Chul. “Pedagogia do ver” In A Sociedade Do Cansaço. (pp. 29). Lisboa Relógio D’ Água Editores. 2024
- [5] Han, Byung-Chul. “O tédio profundo” In A Sociedade Do Cansaço. (pp. 20). Lisboa. Relógio D’ Água Editores. 2024

Congresso Internacional 50 Anos do 25 de Abril

50 anos depois, processo revolucionário de 1974-75 continua a ser objeto de discussão em várias disciplinas das ciências sociais e das humanidades, através de múltiplas abordagens que ajudam a compreendê-lo em toda a sua complexidade.

No âmbito das comemorações do 50.º aniversário da Revolução de Abril, decorrerá na Reitoria da Universidade, de 2 a 4 de maio de 2024, o Congresso Internacional 50 Anos do 25 de Abril.



Que a primavera chegue

E eu só quero que a primavera chegue,
Chegue mais uma vez, para ouvir as andorinhas chilrear
E sentir o zumbir das abelhas dentro do meu tímpano.
Cheirar a brisa do sol na minha pele.

E eu só quero que a primavera chegue,
Chegue mais uma vez, para sentir o teu toque quente
E questionar as tuas palavras.
Ouvir o que falavam de mim às tuas amigas e conhecidas.

E eu só quero que a primavera chegue,
Chegue mais uma vez, mas contigo ao meu lado.
E que rias mais, alto e exageradamente,
Com a tua voz arrastada e rouca, anciã.

E eu só quero que a primavera chegue,
Chegue mais uma vez, sem pensar muito.
E sem lembrar a nossa mortalidade,
Dos nossos fins e do nosso caminho final.

E eu só quero que a primavera chegue,
Chegue mais uma vez, sem vergonha,
E que não te esqueças de mim.
Que olhes por mim, aqui e depois.

E eu só quero que a primavera chegue,
Chegue mais uma vez, mas depressa!
E que nunca acabe,
Para o meu tempo contigo não rematar.

E eu só quero que a primavera nunca termine,
Que seja infinita, para nunca te dizer adeus
E para nunca me esquecer da tua voz.
Para ser sempre e para sempre o orgulho da avó.



O esquelético salvo da força por Deus

Autoria: Manoel Teixeira
Edição: Ricardo Cerdeira

Era tão magro, tão esquelético e leve que, quando o condenaram à força e deram execução à sentença, o seu peso não foi suficiente para que o baraço fizesse o seu trabalho. O povo que assistia à execução garantiu que outra explicação não haveria para o fenômeno, verdadeiro milagre nunca antes observado, do que um inequívoco sinal do Altíssimo de que a vida do afortunado deveria ser preservada. Da fúria punitiva que as turbas sempre mostram quando se trata de um alegado criminoso, de um salto se passou ao êxtase de fé, daqueles que nos mostram a luz da vontade de Deus e nos esclarecem da missão que, em Seu nome, nos trouxe à Terra.

A partir desse dia, nenhum outro trabalho foi mais louvado e dignificado, nenhuma outra tarefa foi mais prioritária para o povo da aldeia, do que proteger a vida e o corpo do Abílio de qualquer perigo que lhe assolasse a existência. Com exceção, talvez, do grande incêndio que deflagrou na Capela de Nossa Senhora dos Aflitos Silenciosos, também conhecida por Igreja Matriz, embora única no raio de cinco quilômetros e de dimensão tal que nela mal cabiam todos os oitenta e seis fiéis residentes da aldeia, tantos quantos o censo da população registou, aliás, descontados os três óbitos entretanto ocorridos e somados os dois nascimentos, de gémeos, e um imigrante solitário holandês recém-chegado. Ainda assim, a capela ardeu um bom quarto de hora, enquanto os anciãos discutiram da prioridade da obra de extinguir o fogo eclesial, face à proteção ordenada por Deus-Ele-próprio ao corpo venerado do Abílio, e perante os apelos desesperados do pároco que não se cansava de repetir que sendo o fogo na Capela onde mora o Santo Corpo de Cristo Consagrado, nenhuma outra obra seria mais digna a Seus olhos naquele momento. Ainda houve quem argumentasse que a Capela fora erguida envolta em grande polémica sobre o padroeiro ou padroeira a quem consagrá-la, havendo quem na época quisesse devotá-la ao Nosso Senhor dos Aflitos Silenciosos e, pese embora a grande maioria do povo votasse pela Senhora Mãe de Cristo, Nosso Senhor é Nosso Senhor e ser preterido por uma Senhora, ainda que a Mãe do seu Filho feito homem, não deve ter deixado o Todo Poderoso satisfeito, e o

argumento de que a decisão fora democraticamente tomada pela maioria de uma cambada de pecadores deve ter pouca validade no Seu julgamento. Lá os convenceu a proposta do Euclides de acorrentarem o Abílio dentro da choupana do Bentes, deixando de guarda apenas um jovem sacristão que era manco e pouca utilidade teria no ofício improvisado de bombeiro, apenas na condição de que o pároco previamente benzesse as correntes, pois não se iria amarrar o protegido com artefactos ímpios. À pressa, fez o sacerdote o sinal da Cruz sobre os elos metálicos que alguém trouxera não se sabe bem de onde, enquanto os demais se persignavam de cabeça baixa, que quando a ergueram já o padre ia correndo na direção da capela gritando «Vamos lá! Vamos lá! Tragam baldes! Tragam baldes!» A capelinha era toda forrada em talha no seu interior, que era o orgulho daqueles paroquianos em toda a região. Mas a talha é, como se sabe, madeira trabalhada e pintada com tinta, não esta em que vão estas palavras escritas, mas dourada com folha de ouro. E há quem diga que aqueles minutos de indecisão ditaram o fim da capela tal como até então se conhecia! A tese oficial, porém, fixou a culpa na inaceitável demora que os bombeiros municipais levaram da sede do concelho, a uns meros vinte e sete quilômetros de estrada de serra e caminhos de cavalos, tendo chegado ao incêndio depois dos devotados aldeãos. Demora que se computou em pelo menos vinte e um minutos.

Já o Abílio conseguiu libertar-se das cadeias que a urgência do padre deixou por amarrar e fugiu da choupana, aproveitando um momento de fraqueza do sacristão para quem a monotonia da espera provocava uma irresistível sonolência. Evadiu-se de tal forma que até hoje, tirando nós e o amável leitor, claro está, que bem podemos vê-lo a apanhar clandestinamente um barco, Amazonas arriba, fugindo das autoridades locais após mais uma imperdoada torpeza, ninguém soube dele. A fuga foi imediatamente atribuída pelo sacristão em apuros – queremos dizer em êxtase de Revelação – à vontade de Deus que concretizou no mesmo dia dois divinos desígnios: a destruição da capela de adoração feminista para que se construa outra em Seu

tributo direto e a libertação do Abílio para certamente lhe atribuir novas e sagradas missões. A cena da incredulidade do sacristão perante a choupana vazia foi mesmo comparada de forma extraordinariamente perspicaz por um vicentino, com a descrição que o Santo Evangelho de S. Mateus faz da descoberta por Maria e Maria, do Sagrado Túmulo de Jesus Cristo devoluto ao terceiro dia contado da Sagrada Crucificação. Faltava, é certo, o anjo e o abalo telúrico, mas o fogo e os trovões bem podiam ser encontrados na cena não menos apocalíptica do incêndio da ermida, e sobrava-lhe seguramente em mistério porque se de Jesus se sabe que ressuscitou porque Ele próprio se apresentou aos apóstolos nessa qualidade, de Abílio sabemos que ninguém mais teve notícia.

Sete anos volvidos, continua por serenar a discussão na taberna do Lídio entre os partidários da Capela e da tese de fogo posto ou, no mínimo, de boicote involuntário (ou não) dos bombeiros, e os que entendem que tudo aquilo foi desígnio de Deus e que a prová-lo está o milagre da salvação e o mistério da fuga de Beato Abílio.

Concerto Final de Temporada

O Concerto Final de Temporada, pela Orquestra Académica da Universidade de Lisboa, terá lugar na Aula Magna da Universidade de Lisboa, no dia 29 de junho, às 21h, e integra o programa Música na Universidade de Lisboa.

A entrada é livre, limitada à lotação do espaço. Para mais informações, consulta a agenda cultural da Universidade de Lisboa.



25 ANOS A CELEBRAR CINEMA

Em conversa com Filipe Afonso e Marta Carvalho, atuais membros do NUCIVO, e o Professor José Duarte, docente de Cinema, investigador do Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa e antigo membro, tivemos a oportunidade de conhecer melhor as origens do núcleo e como evoluiu ao longo dos anos.

Hoje, o Núcleo de Cinema e Vídeo (NuCiVo) pode ser feito de muitas e das mais diversas pessoas, mas o que agora é um grupo de cinéfilos empenhados em partilhar o gosto por Cinema, já foi um e um só elemento.

Fundado em 1999 por um grupo de 6 estudantes, o NUCIVO é um projeto integrado na Associação de Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que nasceu do amor dos seus membros pela sétima arte. No seu 25º aniversário, o NUCIVO festeja com muito mais do que meia dúzia de integrantes e amantes do Cinema.

Atualmente, o NUCIVO conta com uma equipa formada por cerca de 40 membros, dos quais 15 são participantes ativos. Filipe Afonso e Marta Carvalho assumem, conjuntamente, a coordenação do núcleo; Bianca Burlacchini e Cristiano Jesus, a revisão ou edição do conteúdo escrito; Joana Moretti, a coordenação do *blog* (*website* do NUCIVO);

Bárbara Cintra, a coordenação do PodNUCIVO; Fernando Sousa, a arte gráfica ou visual; e os restantes membros desempenham outras funções, como a escrita de críticas e análises fílmicas.

Em conversa com a Marta e o Filipe, foi referido que é difícil mencionar uma forma de cinema que o núcleo não apoie.

“
Quer tenhamos muitas ou poucas pessoas, continuamos porque temos paixão e amor à camisola.

Marta Carvalho acerca do amor e devoção pelo cinema.

FILIPE AFONSO

COORDENADOR DO NUCIVO

MARTA CARVALHO

COORDENADORA DO NUCIVO

TOP 5 FILMES

1. KILL BILL (TARANTINO, 2003)
2. ALIEN (SCOTT, 1979)
3. CHILDREN OF MEN (CUARÓN, 2006)
4. PARIS, TEXAS (WENDER, 1984)
5. ANOMALISA (KOFFMAN, 2015)

TOP 5 FILMES

1. STALKER (TARKOVSKY, 1979)
2. DOUBLE IDENTITY (WILDER, 1944)
3. THE EXORCIST (FRIEDKIN, 1973)
4. BREATHLESS (GODARD, 1960)
5. ALICE (ŠVANKMAJER, 1988)





O NUCIVO tem, desde 1999, como objetivo oferecer a toda a comunidade estudantil a oportunidade de «expandir os seus horizontes cinematográficos e, deste modo, enriquecer a sua experiência académica» [1]. Após a sua formação, o núcleo debruçava-se essencialmente na realização e na edição documental. É o caso da curta-metragem ou mockumentary (virado para o ativismo político), intitulada Drogas em Letras, realizada em 2005 por Gonçalo Tocha, um dos fundadores do núcleo. Esta curta surge como uma resposta irónica e satirizante à notícia sobre tráfico de drogas na FLUL.

Uma diferença evidenciadora da evolução e do crescimento do núcleo ao longo dos seus 25 anos reside na importância dada ao convite e à participação de realizadores nos eventos organizados na Faculdade, como é o caso do realizador convidado recentemente, João Gonzalez. Na época em que o professor José Duarte integrava o núcleo, por exemplo, isto não era possível.

Hoje, o NUCIVO tem uma influência e extensão maior do que seria imaginável aquando da sua formação. Atualmente, o núcleo realiza ciclos de cinema abertos para toda a comunidade académica. A decisão e escolha da temática dos ciclos de cinema, conta-nos a Marta Carvalho, debruça-se sobre o mês em questão e os acontecimentos e/ou eventos a decorrer nesse mês (por exemplo, festividades, datas importantes, conjunturas culturais, sociais ou políticas da atualidade, etc.)

Entre os antigos membros do NUCIVO encontramos nomes como os de José Duarte e de Gonçalo Tocha, cinéfilos que desenvolve-

ram a sua carreira profissional sempre de mãos dadas com a sua paixão por filmes. José Duarte é professor na FLUL e investigador no Centro de Estudos Anglisticos da mesma instituição. Tem desenvolvido investigação na área dos Estudos Fílmicos, Televisão, Cultura Popular e Ficção Científica, entre outros.

“ —

O que gosto particularmente agora é do dinamismo que está a ser impresso no NUCIVO e, acima de tudo, do tipo de atividades que se alargam cada vez mais, e do entusiasmo com que as pessoas participam. Digo isto porque, nas sessões a que já fui, a sala tem quase sempre mais pessoas a assistir do que na altura em que eu era aluno.

Prof. José Duarte sobre os projetos atuais do núcleo.



JOSÉ DUARTE

ANTIGO MEMBRO DO NUCIVO

TOP 5 FILMES

1. PARIS, TEXAS (WENDER, 1984);
2. IN THE MOOD FOR LOVE (KAR-WAI, 2000)
3. SPIRITED AWAY (MIYAZAKI, 2001)
4. TODO SOBRE MI MADRE (ALMODÓVAR, 1999)
5. OS VERDES ANOS (ROCHA, 1963)

Gonçalo Tocha foi um dos fundadores do NUCIVO, onde foi responsável pela sua programação e produção e pela realização de documentários de cariz político durante seis anos, dos quais se destaca *Drogas em Letras*. Atualmente, é um realizador e produtor de cinema português. De entre a sua obra, destacam-se os premiados *Balaou* (2007), filme de homenagem à sua mãe rodado em São Miguel; *É na Terra não é na Lua* (2011), longa-metragem rodada na ilha do Corvo, nos Açores; e o mais recente filme *A Mãe e o Mar* (2013), sobre as mulheres pescadeiras de Vila Chã. Paralelamente à sua carreira de cineasta, Gonçalo Tocha é também músico e compositor.

Desde o seu aparecimento, o NUCIVO foi, ao longo dos anos, organizando e realizando ciclos e sessões de cinema na faculdade, contando com convidados (professores, críticos de cinema, entre outros) para apresentarem e debaterem sobre os filmes apresentados. Em 2020, a realização destas atividades viu-se temporariamente interrompida por consequência das restrições pandémicas.

Foi, assim, criado o *blog* do NUCIVO, lançado oficialmente a 3 de fevereiro de 2020, onde os membros partilham artigos, sugestões, críticas e análises de filmes; e o PodNUCIVO, o podcast sobre Cinema e outros *media* audiovisuais, criado a 13 de outubro do mesmo ano, para dar continuidade ao diálogo cinéfilo durante os tempos confinados, uma verdadeira prova de adaptabilidade e reinvenção. À data da redação desta reportagem, o PodNUCIVO conta com cerca de 82 episódios disponíveis na plataforma de streaming Spotify.

O NUCIVO mantém o público a par das suas atividades nas redes sociais Facebook, Instagram, X e, como não poderia faltar a um núcleo de vídeo e cinema, uma conta no Letterboxd, onde se encontram listados os filmes favoritos do núcleo, as avaliações dos filmes vistos pelos membros, assim como um diário fílmico e outros!

O NUCIVO destaca-se não pelo uso de uma linguagem técnica e de difícil compreensão, mas por uma abordagem democratizante da linguagem, recusando «fechar» ou «elitizar» o mundo do cinema. Assim, é um núcleo assente na ideia de que qualquer pessoa pode e deve participar nas conversas e interpretações de cinema pela própria natureza da sétima arte. A Marta explica que: «[o] Cinema deve residir numa horizontalidade. Não é benéfico nem necessário tornar-se hierárquico, nem servir-se

de um vocabulário específico para toda a gente o perceber. Mesmo quando apresentamos nas nossas sessões os nossos filmes, tentamos sempre estabelecer uma conversa horizontal com as pessoas, interagindo e explicando o filme. O Cinema é uma arte social. A revolução faz-se no Cinema, por exemplo. Nós tentamos passar a ideia de que não é preciso um pré-requisito para gostar de uma coisa, como muitas vezes é entendido no mundo das artes.»

Diz-nos ainda Filipe Afonso que, no começo do seu percurso no núcleo, o NUCIVO interessava-se por passar filmes mais comerciais e, por essa razão, mais acessíveis. Diz-nos que isto não é necessariamente mau, mas considera que, enquanto núcleo de Cinema, existe a possibilidade de passar filmes fora do cinema norte-americano ou do *top 250* do Letterboxd. «Acho que há muito cinema por onde explorar sobre vários temas e foi isso que começámos a fazer em 2023 [...]. Neste último ano letivo, estamos realmente a oferecer a qualidade de Cinema que o NUCIVO deve oferecer sempre e espero que [...] consigamos expandir e diversificar a nossa oferta, no que diz respeito a sessões de cinema e a eventos que celebrem o Cinema.»

“ —

Estamos realmente a oferecer a qualidade de Cinema que o NUCIVO deve oferecer sempre e espero que consigamos expandir e diversificar a nossa oferta.

Filipe Afonso

Enquanto núcleo estudantil, o NUCIVO tem vindo a contribuir significativamente para a vida académica dos estudantes universitários. Sucede a inevitabilidade dos tempos «mortos», dos horários desregulados e dos «furos» compridos. Existem também inúmeras pessoas que gostam simplesmente de estar na Faculdade, mesmo não tendo aulas. Para o efeito, têm vindo a ser organizadas diversas atividades extracurriculares pelos vários núcleos da Faculdade, incluindo o NUCIVO.

Distingue-se dos outros por oferecer essencialmente cultura, no âmbito de introduzir filmes canónicos, que, como tal,

deverão fazer parte da educação audiovisual de qualquer um - filmes que muita gente fica a conhecer graças à acessibilidade e gratuidade das sessões de cinema na faculdade.

A relevância do NUCIVO e a importância dos núcleos estudantis foi realçada pelo Professor José Duarte, que reiterou que uma das funções primárias de qualquer núcleo universitário é o de criar relações entre alunos. Em entrevista, o Professor também explicou que o NUCIVO tem vários parceiros, não só dentro da Faculdade, como o Centro de Estudos Anglisticos, mas também fora da instituição, como foi o caso do Goethe Institut Portugal ou o Indie Lisboa.

Filipe Afonso diz-nos que, enquanto membro ativo do núcleo, foi percebendo que «a jornada cinematográfica de cada pessoa difere muito» e que «o NUCIVO é uma mais valia, na medida em que auxilia a dar o passo introdutório ao Cinema.»

Marta Carvalho explica que o objetivo a alcançar pelo núcleo é o de «mostrar o núcleo lá fora.» O trabalho de preparação e logística dos grandes ciclos é extenuante e não pode ser feito sempre a grande escala, explica Filipe. Daí a preocupação por fazer com que o investimento de tempo e esforço seja reconhecido e celebrado através da participação dos alunos nos ciclos. O núcleo retomou a organização dos seus ciclos em 2022 e, desde então, têm havido propostas de projetos exteriores ao mesmo, como o caso do ciclo da Palestina, um ciclo com elevada adesão

do público que chegou a ser anunciado no canal Antena 2.

Mas o trabalho do NUCIVO não reside unicamente na organização dos ciclos. Como núcleo cinéfilo assiste a eventos de cinema e, em Janeiro deste ano, conheceram o realizador Paulo Carneiro numa sessão do seu último filme *Via Norte*. Depois de o terem entrevistado, Paulo Coelho pediu ao NUCIVO para divulgarem o filme e, graças a esta conversa, o núcleo encontra-se atualmente em contacto com a produtora e com o realizador. Para os membros do NUCIVO, o reconhecimento por parte do mundo do cinema é «gratificante».

A participação está aberta a qualquer pessoa que queira fazer parte do núcleo. A única exigência de entrada é que as pessoas que queiram fazer parte da comunidade sejam comprometidas e participantes ativos. Para fazer parte do núcleo, é necessário ter duas coisas: «investimento e paixão por cinema», explicam os coordenadores. O núcleo disponibiliza aos alunos a possibilidade de redação de críticas e a participação nas sessões de cinema do cineclube, além de lhes conferir um espaço de debate cinematográfico com pessoas com o mesmo interesse.

A influência do núcleo dentro e fora da Faculdade de Letras é nítida. Os comentários de algumas das pessoas que assistiram ao ciclo do *Noirvember* são uma clara exemplificação deste facto:



«Acho que todas as iniciativas que tragam coisas novas, coisas diferentes daquelas que são mais institucionais, e que sejam trazidas pelos estudantes são fundamentais dentro da faculdade, e são bem-vindas. [...] Vejo que são pessoas que trabalham com muita qualidade, não apenas uma coisa amadora, uma coisa com muito conhecimento. [...] Em todas as dimensões de pertença à FLUL [na licenciatura, no doutoramento e na parte profissional], parece-me que é muito importante haver esta diversidade de propostas a acontecer dentro da faculdade, é isso que faz uma faculdade ser um lugar de pensamento.»

Mafalda Mendes, Técnica Superior da FLUL

«Acho muito fixe terem estas iniciativas: de juntarem o pessoal para partilhar estes hobbies que todos temos, ainda por cima a ver cinema. Até dá um espaço para depois discutirmos os filmes. Posso ver isto em casa, mas fica só para mim. É bom juntarem cinéfilos estudantes e dar a conhecer filmes que, de outra forma, não teríamos oportunidade de ver. Mesmo sendo de outra faculdade, estamos a aproveitar estes filmes. [São filmes] que o pessoal da nossa idade talvez não procure tanto, é muito bom estarem a disponibilizá-los. Nós jovens não somos tanto o alvo destes filmes, acho que estas iniciativas nos deixam mais à vontade para os vir conhecer.»

Alunos fora da FLUL, Audiovisual e Multimédia, Mestrado, IPL, ESECS
Clara Belbut, Marcos Silva e Marcelo Silva



Celebram-se, este ano, os 25 anos de existência do Núcleo de Vídeo e Cinema da Faculdade de Letras. Convidamo-vos, O Cola e o NUCIVO, a celebrar a vida do núcleo, participando em mais sessões de cinema, que não são apenas um passatempo gratuito para combater os «furos» chatos, mas também uma oferta prometedora de cultura e um excelente espaço para conhecer pessoas interessantes com uma enorme paixão pela sétima arte.

Como referido anteriormente pelo Professor José Duarte, as iniciativas feitas por estudantes e para estudantes são uma excelente forma de fortalecer os vínculos sociais entre os alunos. O formar parte de núcleos como o NUCIVO oferece não apenas uma ferramenta de autoconhecimento que permite aos indivíduos perceberem melhor os seus campos de interesse, mas também a integração num grupo de pessoas com as quais se pode dialogar e confrontar pontos de vista e opiniões, o que é, inevitavelmente, uma forma de crescimento e construção pessoal.

Acompanha o trabalho do NUCIVO!

 <https://nucivo.home.blog/>

 Podcast – PodNucivo

 @nucivo_flul

 letterboxd.com/nucivo/

 facebook.com/Nucivo/

 @nucivo



Verões Passados

Autoria: Alexandra Guçu
Edição: Ricardo Cerdeira
Fotografia: Alexandra Guçu



verão 2019

Andava eu pelos vastos campos de milho por colher – tão grandes que estavam. E o sol! Brilhava com tamanha força sobre eles, sobre mim! Os verdes, os amarelos... e o céu azul! Brincávamos como se não houvesse amanhã. Ignorávamos todos o som da voz da minha avó quando nos chamava para voltar a casa, que o dia chegara ao fim, e a brincadeira também, para não nos afastarmos de casa, perdidos entre as verduras.

O loiro, chamemos-lhe, vivia para lá dos campos amarelos e verdes. Perguntava-me a mim própria o que se escondia de mim daquele lado? Que mundo desconhecido por mim se revelaria algum dia? Nessa altura afundava-me sem receios nos pequenos prazeres da minha vida. Afinal, era criança, que sabia eu sobre o que fosse? Apenas queria correr e brincar livremente durante dias inteiros.

Até hoje não sei o que havia para lá dos campos, não achei momento para descobrir resposta aos meus devaneios. E todos os verões foram assim. Criança como eu era, a andar e correr de um lado para o outro, subir às árvores e comer as maçãs verdes da minha avó – embora não nos deixasse. Como anseio por esses dias solarengos!

Os outros viviam todos no caminho até ao fundo da colina. Era um longo passeio a descer, mas lá encontrava sempre alguém a acenar-me. Ah! E as tardes passadas a jogar às cartas, o mau perder! Hoje assola-me a tristeza. Na minha memória não houve lugar que guardasse os nomes daquela gente sorridente.

No final da colina havia uma enorme loja que vendia, entre várias coisas, os sabores da minha infância. O gelado da minha bela Moldávia. O sabor do verão da minha juventude. E que bem que me sabe poder guardar essa memória em mim. Passávamos tardes lá, mesmo quando a minha avó não nos permitia o doce sabor fresco.

Chegava ao fim, o calor. Arrumávamos as malas, as memórias e todo o amor e voltávamos a Portugal. Dizíamos adeus sem alguma vez saber que aquela podia ser a última vez durante muitos anos. Não nos lembramos dos nomes, mas lembramo-nos das caras e dos sorrisos tão distintos.

Anos depois, por pouco uma década, regressamos. Passeamos por todos os lugares conhecidos, até mesmo aqueles por onde nunca passámos – eram longe e os avós não deixavam. Vemos a antiga escola da nossa mãe,

e como ela sorri. Desta vez jurei a mim própria levar uma câmara fotográfica. Desde pequena que sonhava com o regresso, tornou-se a minha missão poder mostrar ao mundo a terra dos meus pais, e quão bela e encantadora que ela é. Pobrezinha, com certeza, mas não lhe falta nem uma gota de amor ou de carinho, ternura e hospitalidade. Tiro uma fotografia da minha mãe, mais logo até do meu pai, desta vez na sua escola. Estou sempre de câmara na mão, o meu sonho concretizou-se.

Voltámos à casa dos meus avós, um vizinho está a sair de casa. Nunca me vou esquecer do seu olhar nem do sorriso que me ofereceu. Não me lembro do seu nome, mas lembro-me da sua face. Ele segue em frente, mas nada me diz.

A minha avó diz-me que mais tarde alguém vem fazer-nos uma visita. É a avó de dois velhos amigos irmãos, um rapaz e uma rapariga. Eles já cá não estão. Lembro-me deles como cópias de mim e do meu irmão. Emigraram também, para a Irlanda. A avó soube que eu estava na aldeia.

Finalmente, a minha avó chama por mim. Saio de casa, olho para as brilhantes uvas que fazem a refrescante sombra à entrada da casa e vejo uma senhora à porta da entrada. Ela vê-me, sorri com todos os dentes e abraça-me com força. Quase que chora de alegria, e eu também. Perdi um pedaço da língua, mas percebo que está feliz por me ver. E que saudades que eu tinha também. Trouxe-me um chocolate. Deleito-me a ouvi-las conversar.

É o dia seguinte e está um belo dia de verão. Pego na minha câmara fotográfica e digo à minha mãe que vou descer a colina, que não irei muito longe. Cada passo significa uma fotografia; talvez pareça um exagero, mas posso explicar. Pode dizer-se que talvez seja um desejo materialista, mas, para quem guardava esta terrinha na memória, a felicidade de voltar para casa e poder apontar o dedo e dizer «É aqui que passava todos os verões em criança!» é um sentimento tão grande que sou incapaz de conter!

Caminho levemente pela colina. É uma pena. Tantas casas que já visitei. Ficaram os avós deles. A maioria já casou ou foi para a grande cidade estudar. Alguns até emigraram. Permanece um sentimento de saudade, porém um orgulho mascarado. Crescemos todos e seguimos os nossos caminhos. «Será que se lembram de mim?», penso para dentro. Já em criança era difícil dizer adeus, tinha sempre esperança de regressar. Dizia-lhes: «Não se

esqueçam de mim!», ou «Nós logo voltamos!». Olho em volta e tiro as últimas fotografias desta doce aldeia.

Regresso a casa, no dia seguinte voltaremos à cidade. Digo adeus aos meus avós. E digo adeus à Moldávia. Um dia voltarei. Em Portugal, mostro todas as minhas memórias com amor, conto aos meus amigos todas as histórias e desta vez conseguem ver aquilo que eu sempre vi na minha cabeça. Agora escrevo-o e não consigo conter em mim a felicidade que sinto quando penso naqueles verões!

Para além do Binário:

A Masculinidade e o Sexo em

«Na Terra Somos Brevemente Magníficos»

«Lembras-te da manhã, após uma noite de neve, em que descobrimos a frase *PANELEIRO PARA SEMPRE* rabiscada a spray vermelho na nossa porta?

Os pingentes de gelo refletiam a luz e tudo parecia belo e prestes a quebrar-se.

“O que significa?” perguntaste, sem casaco e a tremer de frio. “Diz ‘Feliz Natal’, Mãe”, respondi, apontando. “Vês? É por isso que está a vermelho. Para dar sorte.» (1)

Quando se estudam estruturas sociais dentro da sociedade, alguns temas aparecem sempre como pontos chave. Entre estes há, por exemplo, a masculinidade, queerness, o género e a violência. Alguns destes temas são evidentes no romance epistolar de estreia de Ocean Vuong, *Na Terra Somos Brevemente Magníficos*. O autor tenta dar aos leitores uma perspetiva muitas vezes esquecida, de um rapaz homossexual desfavorecido e de descendência vietnamita. Na história, é possível ver a relação entre as funções de masculinidade, patriarquia, sexualidade e género através da personagem principal, Cão Pequeno. Este ensaio procura dissecar e expor a apresentação destes temas em *Na Terra Somos Brevemente Magníficos*, com o objetivo de elucidar perspetivas que possam ter sido, durante muito tempo, marginalizadas ou pouco exploradas no discurso académico.

Navegando Ocean Vuong: Um retrato do autor

«Acho que o que quero dizer é que, por vezes, não sei o que somos, ou quem somos. Há dias em que me sinto um ser humano, outros em que me sinto mais um som. Toco no mundo, não como eu próprio, mas como um eco. Ainda me consegues ouvir? Consegues ler-me?» (2)

Ao mergulhar na tapeçaria que é a literatura contemporânea, poucas vozes ressoam tão fortemente como a do Ocean Vuong, um poeta premiado cuja arte navega pelas águas muitas vezes turbulentas dos temas tabu. Nascido nos Estados Unidos da América, filho de refugiados vietnamitas assombrados pelo trauma, a proeza literária de Vuong é um testemunho do poder de contar histórias como um meio de

auto descoberta e recuperação cultural.

No centro da sua obra literária está o romance mais vendido do New York Times, *Na Terra Somos Brevemente Magníficos*, a sua estreia magistral que se desenrola como uma carta comovente do protagonista, Cão Pequeno, à sua mãe analfabeta. Isto é óbvio ao longo do livro, especialmente porque a personagem fala diretamente com a mãe, em frases como: «É um belo país, porque ainda estás nele. Porque o teu nome é Rose, e és a minha mãe, e estamos no ano de 1968 - o Ano do Macaco». (3)

Esta narrativa semi autobiográfica serve como uma tela sobre a qual Vuong pinta representações do que é ser queer, a natureza elusiva da liberdade e a complexa ideia de identidade. O próprio título, *Na Terra Somos Brevemente Magníficos*, é como uma declaração, uma celebração dos marginalizados, dos invisíveis e da beleza inerente às comunidades muitas vezes negligenciadas. A escolha da palavra «magnífica» é deliberada, uma vez que dentro do contexto americano, especialmente dentro da comunidade queer, este adjetivo é uma poderosa declaração para as pessoas da comunidade LGBTQI+, é um ato de empoderamento. Quando lhe é pedido que explique o título, numa entrevista dada à Amanpour and Company em 2019, a sua explicação mostra a sua necessidade de inclusão.

«Acho que me atrevo a chamar todos os pobres corpos negros, castanhos e amarelos magníficos. Pensei “Aqui está a minha oportunidade de o dizer”. A primeira frase do livro é o título, e eu quero começar pela beleza, porque isso é um dado adquirido para mim, é um facto. Estas pessoas são bonitas e quero começar por aqui e depois mostrar ao mundo como são bonitas.» (4)

Redefinir Força: A masculinidade e as Linhas Patriarcais

«Eu não sabia então o que eu sei agora: ser um rapaz americano, e depois um rapaz americano com uma arma, é passar de um extremo ao outro de uma jaula.» (5)

Pilcher e Whelehan (2004) descrevem a masculinidade como «o conjunto de práticas sociais e representações culturais associadas a ser um homem». Os autores explicaram como a maneira como o conceito de masculinidade/masculinidades podem variar consoante a perspectiva: por um lado, a masculinidade é «o resultado de fatores fisiológicos, tais como hormonas ou cromossomas», por exemplo. Por outro lado, mais crítico academicamente, «as masculinidades são compreendidas como uma forma de relação de poder, tanto entre homens como entre homens e mulheres». (6)

No romance do Ocean Vuong, a masculinidade é retratada de forma complexa e com nuances. O protagonista, Cão Pequeno, lida com as noções tradicionais deste conceito, e isto é evidente na sua relação com a sua mãe e com os homens com quem está envolvido.

Vuong desafia as normas da masculinidade estereotípica através da exploração da vulnerabilidade e da sensibilidade dos personagens masculinos. Para discutir sobre os tipos de masculinidade encontrados neste romance, será apresentado Trevor, uma criança criada para simbolizar o epítome da masculinidade americana - masculinidade hegemônica.

Pilcher e Whelehan (2004) descrevem este conceito como «o ideal culturalmente dominante da masculinidade centrado na autoridade, robustez física e força, heterossexualidade e trabalho remunerado». (7) Neste romance, vemos este conceito em ação, bem como o fracasso dentro dele. Trevor é um agricultor, um rapaz branco americano que luta para se adaptar ao ideal da masculinidade que foi ensinado e a que foi apresentado a vida toda. A América mantém estes padrões para os homens desde pequenos, e isto acabará por ser a causa da morte de Trevor, à medida que ele quebra debaixo das expectativas da sua família. Para o Trevor, gostar de uma pessoa do mesmo género é um conceito que tem dificuldade em aceitar, e vemos isto em diferentes cenas onde as duas personagens têm relações sexuais. Quando ele experimenta ser passivo pela primeira (e última) vez, o resultado é o seguinte:

«Mas tudo acabou antes sequer de começar. (...) Empurrou-me para trás, sentou-se. "Foda-se." E olhava em frente. "Não posso. Eu – quer dizer..." falava para a parede. "Não sei. Não me quero sentir uma rapariga. Uma puta. Não posso, meu. Desculpa, não é para mim..." Calou-se, limpou o nariz. "É para ti. Está bem?"» (8)

Trevor enfrenta um profundo sentimento de embaraço, recusando-se a ser penetrado, o que vem da sua consciência de que não está em conformidade com os padrões sociais que lhe foram ensinados. Na sua perspectiva, assumir um papel submisso, particularmente o de passivo, evoca sentimentos de inadequação como homem, reminiscentes de expectativas desatualizadas impostas tanto a homens como mulheres. Teme ser visto como "feminino" ou como uma "puta" porque não incorporar a masculinidade convencional levanta questões existenciais para ele. Se ele se sente como uma rapariga, não pode ser um homem e se não pode ser um homem, o que é que ele é? Se ele não consegue cumprir a função masculina dominante, o que é que isso faz dele? Ocean Vuong aborda este assunto na entrevista para a Amanpour and Company:

«Quereria abordar estes tipos de vergonha em torno de ser *queer* e da sexualidade. O que que eu queria retratar era que a relação de Cão Pequeno com este rapaz branco mostra a diferença na forma como eles abordam a vergonha. O Trevor sente-se incrivelmente envergonhado pelo seu lado queer porque é a antítese, o completo oposto do que é a masculinidade americana. De certa forma, ele quebra este padrão, e perde-se, literalmente. Porque ele não pode ser homem e se ele não é homem não é humano, segundo os padrões americanos. Enquanto o Cão Pequeno, tendo sido criado por mulheres vietnamitas, estava muito mais confortável com a sua sexualidade, a sua família compreendia. Ele vem de uma tradição diferente, onde existia mais maleabilidade na sexualidade e, de facto, está mais confortável com ser queer do que este rapaz americano que deveria ter tudo, incluindo a derradeira liberdade.» (9)

A realidade que enfrenta é o potencial de ostracismo social e violência física que lhe são direcionados. Uma característica importante na masculinidade hegemônica é a necessidade que os homens sentem de ter a aprovação de outros homens, o que significa que irão fazer de tudo para a ganhar. Podem procurar esta aprovação através de corpos musculados, impressionantes tabelas de desempenho sexual, carros topo de gama, empregos com um ordenado elevado e até mesmo violência contra mulheres, crianças e homens, principalmente homossexuais. Trata-se de uma tentativa para afirmar o seu domínio. (10) Foi assim que o Trevor foi criado, com o seu pai alcoólico a servir de exemplo, e é nisto que ele está a falhar.

Por outro lado, o Cão Pequeno foi criado num ambiente moldado por duas mulheres, como foi referido anteriormente. Rodeado por várias expressões de feminilidade, desenvolveu uma sensação de elevada confiança na sua sexualidade e auto-identidade como homem gay. Nesta personagem, vemos o conceito de masculinidade homossexual em jogo. Ao contrário do Trevor, ele não sucumbiu às normas sociais, mas também nunca adotou traços estereotipicamente femininos, como usar vestidos, como podemos ver neste excerto, depois de o Cão Pequeno assumir a sua orientação sexual à sua mãe:

«Diz-me, vais começar a andar de vestido agora?», perguntas-te, com a mão em que apoiaras o queixo a tapar-te a boca.

“Mãe...”

“Vão matar-te”, abanaste a cabeça, “sabes disso.”

“Quem é que me vai matar?”

“Matam quem anda de vestido. Vi nas notícias. Não sabes como são as pessoas. Não sabes como são.”

“Não vou, mãe. Prometo. Olha, eu nunca andei de vestido antes, pois não? Porque havia de o fazer agora?”» (11)

Ele expressou simplesmente a sua identidade de género de forma autêntica, independentemente da forma como lhe pareceu bem, mas esta não é uma experiência comum. O Cão Pequeno apercebeu-se de que o caso do Trevor diferiu do seu durante os seus momentos íntimos, reconhecendo o impacto que as expectativas sociais tiveram na auto-aceitação do Trevor. Logo após o excerto anterior, onde Trevor se recusa a ser penetrado, o Cão Pequeno continua:

«Pensava que o sexo servia para desbravar novos terrenos, apesar do medo; que enquanto o mundo não nos visse, as suas regras não se aplicavam. Mas estava errado. As regras já estavam dentro de nós.» (12)

Como Villanueva (2023) explica, com a sua relação com Trevor, «ele está exposto a uma demonstração vergonhosa de hipermasculinidade tóxica» (13). «Na primeira vez que fodemos, não fodemos de todo» (14). Isto pode parecer confuso, mas, na realidade, o Cão Pequeno simplesmente não acredita que o que fez foi sexo, do ponto de vista heteronormativo. Quando têm “sexo a sério”, como aponta Villanueva, «O Cão Pequeno expressa a vergonha que o Trevor deve ter sentido, e que foi culpa dele» (15).

«Ele ofegava acima de mim. Sendo Trevor

quem era, criado segundo os padrões mais tradicionais da masculinidade americana, temi pelo que se seguiria. A culpa era minha-Tinha-o manchado com a minha bichice, a sujidade do nosso ato tinha sido denunciada pela falta de controlo do meu próprio corpo.» (16)

Esta masculinidade americana é, como foi apontado anteriormente, masculinidade hegemónica, que assume uma posição superior dentro da instituição do patriarcado. Contudo, para a entender precisamos de perceber exatamente o que é essa instituição. Cranny-Francis et al. descrevem o patriarcado como «um atalho para indicar um sistema social no qual ser um homem e a masculinidade conferem uma posição privilegiada de poder e autoridade (...)» (17). Embora o termo ainda levante controvérsia hoje em dia, por uma variedade de motivos, ainda é amplamente utilizado para representar o “inimigo” contra o qual os ativistas da igualdade de género lutam. Frequentemente, «as frases “hegemonia masculina” ou “masculinidade hegemónica” são usadas por alguns em vez do termo “patriarcado” em referência ao domínio generalizado dos homens na esfera social, económica e cultural» (18). Todavia, como representado pelas personagens principais deste romance, o patriarcado impõe efeitos prejudiciais não só às mulheres, mas também aos homens. As expectativas irrealistas associadas à conformidade com as normas de masculinidade tornam-se evidentes na queda subsequente de Trevor.

«Não sabia que era a última vez que o veria, com a cicatriz no pescoço iluminada a azul pelo letreiro néon do restaurante. Ver de novo aquela pequena vírgula, pousar nela a minha boca, deixar a minha sombra aumentar a cicatriz até, por fim, não haver nenhuma cicatriz visível, apenas uma escuridão imensa e igual selada pelos meus lábios. Uma vírgula a que se sobrepõe um ponto, criado naturalmente pela boca. Não é a coisa mais triste no mundo, Mãe? Uma vírgula forçada a ser um ponto?» (19)

Numa entrevista para a Strand Book Store, em 2019, Ocean Vuong deu a seguinte explicação, que ajuda a compreender a sua visão sobre o assunto:

«Acho que muitas vezes falamos sobre as tragédias queer, as histórias trágicas queer, e nunca senti que isso era verdade, porque quando as enquadrámos como se olhássemos frequentemente para ser queer como algo naturalmente defeituoso – isso é que faz com

que seja trágico, essa forma de ser queer é que torna estas vidas trágicas. Na verdade, é a masculinidade hegemônica e as suas estruturas patriarcais que fizeram com que estas vidas se perdessem dentro dela.» (20)

Uma Guerra Contra as Normas: As Construções de Gênero em Jogo

«O que eras antes de me conhecer?»
 «Acho que era alguém prestes a afogar-se.»
 «E o que és agora?»
 «Água.»» (21)

O conceito de gênero persiste até hoje, tendo raízes históricas duradouras. Pilcher e Whelehan explicam que «foi usado como categoria analítica para desenhar uma linha de demarcação entre as diferenças de sexo biológicas e a forma como estas são usadas para informar comportamentos e competências, que são então atribuídas como “masculinas” ou “femininas»» (22). Na sociedade contemporânea, o gênero continua a funcionar como pretexto para relegar as mulheres para uma posição social mais baixa do que os homens. Estas distinções são evidentes em vários domínios da sociedade, abrangendo esferas económicas, educativas, profissionais e até mesmo recreativas. O tradicional gênero das coisas e a atribuição de funções de gênero é um aspeto que as gerações mais novas estão a combater inflexivelmente, após o reconhecimento da necessidade de mais inclusão.

As normas de gênero estão em toda a sociedade e é por isso que existem distinções em estilos de vestuário, brinquedos, publicidade, cortes de cabelo, desporto, ocupações e até mesmo cor. As noções prevalecentes ditam que os vestidos são exclusivamente para mulheres, os carros de brincar são concebidos para rapazes, os homens são desencorajados de ter cabelo comprido, o futebol é um desporto para homens, e determinadas cores, como rosa e azul, estão rigidamente associadas a raparigas e rapazes, respetivamente. Estes casos, entre muitos outros, são apenas alguns exemplos da presença de expectativas de gênero no ambiente que nos rodeia.

Em *Na Terra Somos Brevemente Magníficos*, o gênero não é um conceito fixo ou binário, mas sim um espectro. Rose, a destinatária da carta, a mãe imigrante analfabeta do autor, é o exemplo perfeito disto. Desafia as normas tradicionais de gênero ao demonstrar força e coragem que nem sempre estão associadas à

feminidade convencional. Apesar de trabalhar numa profissão frequentemente identificada como "trabalho de mulher", num salão de manicure, Rose demonstra uma resiliência notável. O seu papel requer condições tóxicas duradouras, onde tem de se contorcer e suportar maus-tratos, tudo para sustentar a sua família.

«A palavra inglesa mais comum no salão de beleza era desculpa. (...) Vezes sem conta, ouvi as esteticistas, debruçadas sobre a mão ou pé de uma cliente, que não podia ter mais de sete anos, dizerem "Peço desculpa. Peço desculpa. Peço mesmo, mesmo desculpa", apesar de não terem feito nada de errado, (...) na esperança de ganhar impulso suficiente para atingir o objetivo último, uma gorjeta – para depois pedirem desculpa à mesma, quando não recebiam nada.

No salão de beleza, desculpa (...) já não serve apenas para pedir desculpa, mas insiste, lembra: Estou aqui, aqui mesmo, abaixo de ti. Representa o rebaixamento de uma pessoa, para que a cliente se sinta bem, superior e caridosa. No salão de manicura, a nossa definição pessoal de desculpa vê-se (...) carregada e reutilizada ao mesmo tempo como poder e desfiguração. Pedir desculpa compensa: mesmo, ou sobretudo, quando não se tem culpa, vale cada sílaba autodepreciativa que a boca permita. Porque a boca tem de comer.» (23)

Noutra situação ilustrativa, a resiliência de Rose brilha quando o Cão Pequeno se torna alvo de bullying, apenas com base na cor da sua bicicleta. Rose, apesar da sua insistência para que o Cão Pequeno assuma qualidades associadas a ser um "homem" e a um "americano", está ao lado do seu filho face à adversidade. O próprio Cão Pequeno chega à realização dolorosa de quantidade de poder que uma cor tem, mas isso não o impede de não se querer conformar. Ele não quer mudar a sua maneira de ser e a mãe apoia-o.

«O rapaz maior tirou do bolso um porta-chaves e começou a raspar a tinta da minha bicicleta. Saía com toda a facilidade, com centelhas rosadas. (...) Queria gritar, mas ainda não sabia fazê-lo em inglês. Por isso, não fiz nada. Foi nesse dia que aprendi que uma cor pode ser perigosa. Que um rapaz podia ser arrancado dela e obrigado a reconhecer a sua transgressão. Apesar de a cor não ser nada – apenas o que a luz revela –, esse nada tem leis, e um rapaz numa bicicleta cor-de-rosa tem de aprender, acima de tudo, a lei da gravidade. Nessa noite, debaixo da lâmpada nua da cozinha, ajoelhei-me ao teu lado e fiquei a ver-

te pintar, com uma precisão de especialista, em longas pinceladas de uma ponta, as cicatrizes cor de cobalto da bicicleta, enquanto na outra mão seguravas firmemente o frasco de verniz cor-de-rosa.» (24)

Conclusão: Impressões Finais de *Na Terra Somos Brevemente Magníficos*

«São as substâncias químicas nos nossos cérebros, dizem. Tenho as substâncias químicas erradas, Mãe. Melhor dizendo, tenho falta de alguma delas. Há um comprimido para isso. Há uma indústria. Ganham milhões. Sabias que há pessoas que enriquecem à custa da tristeza? Quero conhecer o milionário da tristeza americana. Quero olhá-lo nos olhos, apertar-lhe a mão e dizer: “Tem sido uma honra servir o meu país”» (25)

Na Terra Somos Brevemente Magníficos, de Ocean Vuong, é um romance fantástico em termos de análise de temas como a masculinidade e as normas de gênero, bem como os seus resultados subsequentes. Destaca diferentes tipos de masculinidade numa sociedade patriarcal que prejudica homens e mulheres. Existe uma distinção clara na masculinidade entre as duas personagens: O Cão Pequeno foi criado por duas mulheres imigrantes vietnamitas (Lan e Rose, embora tenhamos falado especificamente sobre esta última), ambas a desafiar as normas de gênero colocadas nas mulheres; e Trevor foi criado pelo seu pai alcoólico americano, que o educou com uma arma e um cinto. Através destas personagens, obtemos uma melhor compreensão de como a masculinidade hegemônica pode ser prejudicial para todos e para tudo o que a rodeia. É justificável defender um quadro social quando não faz nada senão perpetuar padrões impossíveis, pouco razoáveis e irrealistas?

Referências:

- [1] Voung, Ocean. 2020. *Na Terra Somos Brevemente Magníficos*. Traduzido por Inês Dias. Relógio D'Água. (p.164)
- [2] Voung, Ocean. 2020. *Na Terra Somos Brevemente Magníficos*. Traduzido por Inês Dias. Relógio D'Água. (p.64)
- [3] Voung, Ocean. 2020. *Na Terra Somos Brevemente Magníficos*. Traduzido por Inês Dias. Relógio D'Água. (p.48)
- [4] A Amanpour e a Empresa. (24 de dezembro de 2019). Ocean Vuong sobre Guerra, Sexualidade e Identidade Asiático-Americana | Amanpour and Company (Vídeo) YouTube. (18:25-19:01)
- [5] Voung, Ocean. 2020. *Na Terra Somos Brevemente Magníficos*. Traduzido por Inês Dias. Relógio D'Água. (p.110)
- [6] Pilcher, J., & Whelehan, I. (2004). Cinquenta conceitos-chave em Estudos de gênero. (p.83)
- [7] Pilcher, J., & Whelehan, I. (2004). Cinquenta conceitos-chave em Estudos de gênero. (p.83)
- [8] Voung, Ocean. 2020. *Na Terra Somos Brevemente Magníficos*. Traduzido por Inês Dias. Relógio D'Água. (p. 114)
- [9] A Amanpour e a Empresa. (24 de dezembro de 2019). Ocean Vuong sobre Guerra, Sexualidade e Identidade Asiático-Americana | Amanpour and Company (Vídeo) YouTube. (16:50-18:23)
- [10] Cranny-Francis, A., Waring, W., Stavropoulos, P., & Kirkby, J. (2002). Estudos de gênero: Termos e Debates. (p. 16)
- [11] Voung, Ocean. 2020. *Na Terra Somos Brevemente Magníficos*. Traduzido por Inês Dias. Relógio D'Água. (p. 122)
- [12] Voung, Ocean. 2020. *Na Terra Somos Brevemente Magníficos*. Traduzido por Inês Dias. Relógio D'Água. (p. 114)
- [13] Villanueva, J. (2023, 25 de maio). “É assim que eu combato”: A evolução da masculinidade nas representações contemporâneas dos homens asiático-americanos. Conceito - Diário Interdisciplinar de Pós-Graduação. (p. 6)
- [14] Voung, Ocean. 2020. *Na Terra Somos Brevemente Magníficos*. Traduzido por Inês Dias. Relógio D'Água. (p. 113)
- [15] Villanueva, J. (2023, 25 de maio). “É assim que eu combato”: A evolução da masculinidade nas representações contemporâneas dos homens asiático-americanos. Conceito - Diário Interdisciplinar de Pós-Graduação.(p. 6)
- [16] Voung, Ocean. 2020. *Na Terra Somos Brevemente Magníficos*. Traduzido por Inês Dias. Relógio D'Água. (p. 183)
- [17] Cranny-Francis, A., Waring, W., Stavropoulos, P., & Kirkby, J. (2002). Estudos de gênero: Termos e Debates. (p. 14)
- [18] Cranny-Francis, A., Waring, W., Stavropoulos, P., & Kirkby, J. (2002). Estudos de gênero: Termos e Debates. (p. 16)
- [19] Voung, Ocean. 2020. *Na Terra Somos Brevemente Magníficos*. Traduzido por Inês Dias. Relógio D'Água. (p. 154)
- [20] Loja Strand Book. (2019, 7 de junho). – Ocean Vuong, *Na Terra Somos Brevemente Magníficos* (Vídeo) YouTube. (25:25-26:03)
- [21] Voung, Ocean. 2020. *Na Terra Somos Brevemente Magníficos*. Traduzido por Inês Dias. Relógio D'Água. (p. 211)
- [22] Pilcher, J., & Whelehan, I. (2004). Cinquenta conceitos-chave em Estudos de gênero. (p. 56)
- [23] Voung, Ocean. 2020. *Na Terra Somos Brevemente Magníficos*. Traduzido por Inês Dias. Relógio D'Água. (p.88-89)
- [24] Voung, Ocean. 2020. *Na Terra Somos Brevemente Magníficos*. Traduzido por Inês Dias. Relógio D'Água. (p.129)
- [25] Voung, Ocean. 2020. *Na Terra Somos Brevemente Magníficos*. Traduzido por Inês Dias. Relógio D'Água. (p.165)

AVÔ

Autoria: Mariana Raminhos
Edição: Ana Espadinha
Fotografia: Mariana Raminhos

Ninguém me disse que ia ser difícil, ou possivelmente disseram, porém, não falaram deste peso que carrego sempre que estou consciente. Ao passar à frente da tua casa, vejo a janela sem a tua companhia, aquela onde debruçavas os braços enquanto preenchias o totobola. Quando entrei no prédio, lembrei-me dos momentos em que era criança e me ias buscar à escola – o senhor de bigode farfalhado e grisalho que ficava tão feliz quando me via. Esses tempos já não voltam, mas eu voltava para lá sem hesitar.

No momento em que a avó abriu a porta, vi um alívio. Ela tinha um vestido florido, mas pareceu-me cansada. A tarde passou por nós, lançámos e, entre conversas, falei-lhe de Lisboa. Sobre como gosto da vida lá, onde o café e os pastéis de nata se tornaram rotina e como não seria a mesma coisa se não tivesse conhecido as pessoas a quem chamo hoje tão carinhosamente amigos. Ela falou-me das saudades que tinha, especialmente tuas. Sabes como são as mulheres desta família, não nos calamos.

Na cozinha, eu e a avó ouvimos a tua voz e ela lá se levantou para te ajudar. Encostámo-nos ao parapeito da janela para apanhar sol e tu, por vontade dela, começaste a ler as matrículas dos carros na rua. A avó insistiu contigo e, com alguma dificuldade, lá conseguiste atirar algumas letras à conversa, mas eu sei. Tenho dentro de mim esta sentença de que te estás a entregar, que o que te mantém cá é um amor maior, um que prometeste ser eterno. Mas também sei que ela irá entender, que todos somos egoístas e apenas não queremos passar por este sofrimento, que é inevitável. Porém, lembro-me de ti e, quando o faço, penso nos momentos em que me fizeste rir, nos dias em que tomaste conta de mim, nas vezes em que me fizeste sentir em casa. Porque, para ti, eu era uma neta, sangue do teu sangue que carrega toda a geração que passou por essa mesma dor de ver o avô partir.

Restam-me os devaneios e os receios de quando chegar a tua hora, sinto um aperto no coração só de escrever. Contudo, as palavras nunca vão carregar o conforto de estar contigo

à mesa e cruzar o meu olhar com o teu; o quanto a nossa troca de sorrisos era como os dias de sol no verão – eternos. Tenho esta injustiça dentro de mim, que fala com a morte e pede-lhe para não te levar. No entanto, a tua sombra continua a ficar cada vez mais pequena, a doença não te perdoa e parece-me desumano não contar todos os segundos que continuas aqui connosco. Eu olho para ti à janela e reconheço-te. Vejo-te a olhar para o céu, mas eu murmuro que à terra pertences.



História Relacional-Transformativa

Autoria: Madoka
Edição: Ricardo Cerdeira
Ilustração: Maia Aguiar

Sê a minha eterna luz,
A chama pura e cativante.
Aquele que simplesmente deduz
O amanhã que julgava ser desconcertante.

Na contemporaneidade da noite,
Acompanhas-me com o teu fulgor.
Vozes estrangeiras de mim chamam-te factóide,
Mas só tu é que embalas a minha forte dor.

Adquiro-te a qualquer hora do dia,
Mas, quando o sol se põe como magia,
Passo mais tempo contigo e fico feliz,
Afinal, foste criada num pseudo-almofariz!

Se não estou contigo, sinto-me perdida.
Se estás comigo, sinto-me eufórica.
Uma relação em dosagens que durará para a vida,
Algo que me tornará numa conceptualização retórica.

Abro e tiro-te do compartimento onde descansas,
Olho para a tua cor clara, rosada e chamativa.
Ao bailar contigo, reparo na beleza das tuas danças,
E fico a ganhar, pois alteras a minha narrativa.

Uma narrativa de montanha-russa,
Uma história relacional-transformativa,
Um conto que contém uma bonita bruxa,
Um texto que golpeia o meu ser num cisma...

Consumo esta chama na obscuridade
Para que acredite neste belo milagre.
Um ato científico e de pura alegria
Porque, se não te tivesse, morreria.

Obrigada, meu caro químico
Porque tu foste a luz e o meu auxílio.

Obrigada, meu caro comprimido,
Porque, só assim, o rapaz será abatido.



Agenda Académica

Queres envolver-te no espírito académico?

Nesta *Agenda Académica* apresentamos-te alguns eventos que terão lugar na Universidade de Lisboa em que podes participar de forma gratuita.

EXPOSIÇÃO

A PAZ, O PÃO,
A HABITAÇÃO...

VALORES DE ABRIL
EM AUTOCOLANTES



Exposição: "A paz, o pão, a habitação...": Valores de Abril em autocolantes

Esta exposição estará patente no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, de 22 de maio a 30 de setembro. A inauguração terá lugar a 22 de maio, pelas 17h.

Apropriando-se dos autocolantes, na época um meio de divulgação comum, esta exposição sobre a intemporalidade dos valores de Abril é também uma forma de celebrar a expressão popular.

9º Encontro Nacional de Filosofia Analítica

Nos dias 10 a 12 de junho, decorrerá, na NOVA FCSH, o 9º Encontro Nacional de Filosofia Analítica, organizado pelo Instituto de Filosofia da NOVA.

O Encontro Nacional de Filosofia Analítica é organizado sob a égide da Sociedade Portuguesa de Filosofia Analítica (SPFA). Os conferencistas convidados desta edição são Teresa Marques, Graham Priest e Ernest Sosa.

ANALYTIC
PHILOSOPHY



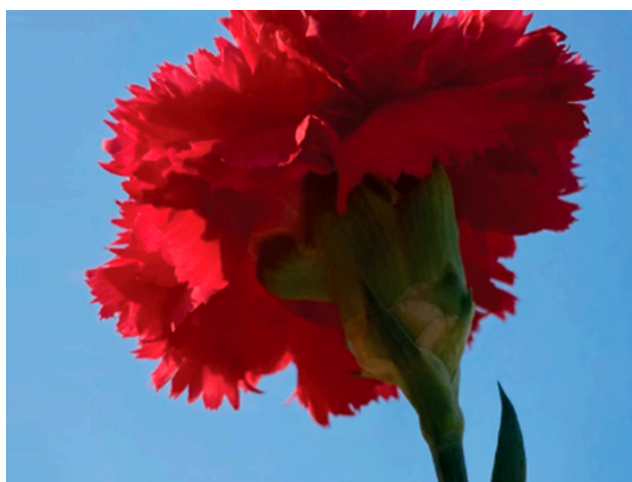
23/24
TEMPORADA
DE MÚSICA

Concerto para uma Noite de Verão

O Concerto para uma Noite de Verão, pelo Coro de Câmara da Universidade de Lisboa, terá lugar na Aula Magna da Universidade de Lisboa, no dia 22 de junho, às 21h, e integra o programa Música na Universidade de Lisboa.

Terá a duração de 1h15 e a entrada é livre, limitada à lotação do espaço. Para mais informações, consulta a agenda cultural da Universidade de Lisboa.

Aqui podes encontrar eventos como concertos, congressos e colóquios de interesse académico, bem como eventos de celebração dos 50 anos do 25 de abril! Podes encontrar mais informações sobre os mesmos na secção «Agenda» dos sites da Universidade de Lisboa e da Faculdade de Letras.



Conferência ICS 2024: 'Democratizar, Descolonizar, Desenvolver'

Esta Conferência ealizar-se-á no dia 17 de junho no Instituto de Ciências Sociais e propõe-se a refletir sobre o passado, o presente e futuro dos conceitos de descolonização, democratização e desenvolvimento, que foram nucleares para a revolução de abril. Que desafios colocam, hoje, os “três Dês” de Abril à investigação em ciências sociais? Como reavaliar o significado de cada um desses conceitos, a partir do olhar cruzado da antropologia, da ciência política, da história, da sociologia?

Encontro de Orquestras Académicas

Encontro de Orquestras Académicas, com a participação da Orquestra Académica da Universidade de Lisboa, Orquestra Médica de Lisboa e Orquestra Académica da Universidade de Coimbra, tem lugar na Aula Magna da Universidade de Lisboa, no dia 5 de maio, às 18h, e integra o programa Música na Universidade de Lisboa.

A entrada é livre, limitada à lotação do espaço.



10 Anos 10 Visitas - Visita 8

No âmbito das Comemorações do seu 10º Aniversário em 2023, 10 espaços emblemáticos da UL vão abrir-se à comunidade académica, ao público e à cidade. A Visita 8 será feita aos espaços do Museu Nacional História Natural e da Ciência, Jardim Botânico de Lisboa, no dia 18 de maio de 2024, às 15h.

A visita será orientada, terá a duração de 3h e é gratuita, com inscrição obrigatória até 24h antes. Para mais informações, consulta a agenda cultural da Universidade de Lisboa.



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



Poema do Comboio

Autoria: Clara Raposo
Edição: Inês Cândido
Ilustração: Mariana Faisca

Num recanto desta terra,
que peca em bom serviço,
há um som que sempre erra
e que ninguém dá por isso.
É um comboio apressado
ao passar pela estação.
E hoje, por um bom bocado,
estive para lhe dar a mão.

Sempre ao mesmo compasso,
sempre o mesmo destino,
sempre o murmúrio escasso
do grupo em desatino.
Corre cá de hora a hora,
sem tempo para hesitar.
Mas, por exceção, agora
ele, por mim, quis parar.

Foi uma troca de olhares,
os meus e as suas janelas;
foi nesse abrandar de andares,
no fim da hora das estrelas;
foi neste parar de tempo,
neste futuro inventado
que pus o pé na entrada
e quase me vi ao teu lado.

Mas o comboio passou.
O sol cresceu.
O comboio arrancou.
E cá fiquei eu,
rendida ao dia, parada,
triste,
que desta fantasia
não me sobrou nada.



Os Planetas de Gustav Holst e a sua conexão à mitologia, astronomia e astrologia

Autoria: Mariana Monteiro
Edição: Ricardo Cerdeira
Ilustração: Maia Aguiar

N'Os *Planetas*, Gustav Holst interliga astronomia, astrologia e mitologia clássica, apresentando-nos uma composição clássica, composta por sete movimentos, que quase podemos caracterizar como uma experiência imersiva, com impactos tão profundos nas bandas sonoras contemporâneas que é impossível não compreender as enormes semelhanças entre esta composição e as bandas sonoras de filmes como *Star Wars*, *Harry Potter* e *Interstellar*.

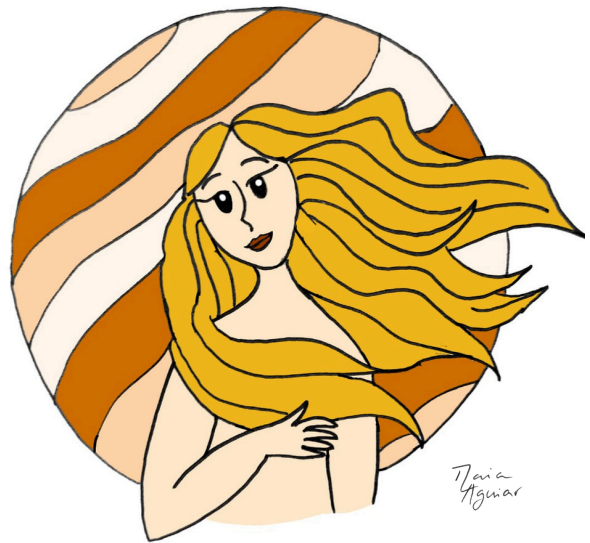
Usando um leque orquestral variado, Holst pretende, através da sonoridade, caracterizar cada planeta do sistema solar, projetando neles a essência de determinados deuses do panteão greco-romano e do seu respetivo significado astrológico. A exceção à regra são Terra e Plutão, que fora descoberto mais de uma década após o término da composição, e mais tarde categorizado como planeta anão.

Ao longo da composição, escrita num período de apenas três anos, Holst vai, então, propondo uma leitura mitológica e astrológica de cada planeta. A abrir a composição temos Marte, o que traz a Guerra, que nos apresenta um som tão lícido e vívido que é difícil não imaginar um cenário de guerra. Astrologicamente, o planeta vermelho, com um aspeto hostil e implacável, representa a forma como agimos e tomamos ação, sendo o nosso impulso mais primitivo.

Já Vénus, que traz a Paz, apresenta-se num andamento calmo, que encarna a harmonia e a tranquilidade. Esta é, talvez, uma representação diferente daquela a que estamos habituados a ver em peças literárias, nomeadamente na *Íliada*, ou n'Os *Lusíadas*. No entanto, a Vénus de Holst encarna uma resposta a Marte, segundo Imogen Holst, filha do compositor. A deusa do amor, com correspondência astrológica nesta mesma área, ficou aqui conectada ao conceito de tranquilidade.

Em terceiro, aparece Mercúrio, o Mensageiro alado, a suíte mais curta para o planeta com a órbita (em torno do Sol) mais curta. O nome do movimento vem da sua imagem mitológica, uma vez que Mercúrio, o deus mensageiro, é representado, normalmente, com asas nas

sandálias e no capacete. Holst compôs um Mercúrio bastante inquieto, em que temos a sensação de nunca estarmos assentes em lugar algum, sempre a saltitar de um lado para o outro, representando o voo rápido deste mensageiro, símbolo astrológico da comunicação.



O pai dos deuses, Júpiter, o que traz a Alegria, aparece em quarto, num tom de imponente e exuberante vitalidade, e bastante solene. Astrologicamente, representa expansão, crescimento e prosperidade, que em tudo se ligam à caracterização do deus e à cadência e harmonia da suíte, sendo uma representação verdadeiramente majestosa daquele que reinava no Olimpo.

À medida que avançamos para a última parte da composição, compreendemos que um tom sombrio vai crescendo. Um dos últimos lugares é ocupado por Saturno, o que traz a Velhice, a suíte mais estimada por Holst. Um movimento pendular na primeira parte da suíte invoca o som de um relógio, sendo que Saturno, ou Cronos, representa a passagem do tempo, indissociável da inevitável morte, como compreendemos nas representações em que surge com uma foice na mão, com correspondência astrológica, significando ainda autoridade. A composição, então segue para uma parte de maior turbulência e confusão, que culmina num clímax, simbolizando a aceitação da morte como

destino último, natural e incontornável da vida humana.

Segue-se Urano, o Mágico, um movimento místico que começa com um tom ameaçador, constante ao longo da suíte, com alternâncias rápidas entre notas agudas e graves e um ritmo bastante rápido, ilustrando possivelmente as divindades primitivas, caracterizadas por um egoísmo e crueldades enormes, ou talvez o aspeto astrológico do planeta, que traduz quer rebeldia, conectada à liberdade e à independência, quer, sem dúvida, súbitas alterações. É possível que o nome do movimento derive do seu final, em que as rápidas alterações e aquilo que poderia ser descrito como um caos sinfónico é afastado subitamente, como um mágico desaparece por trás de uma cortina de fumo.

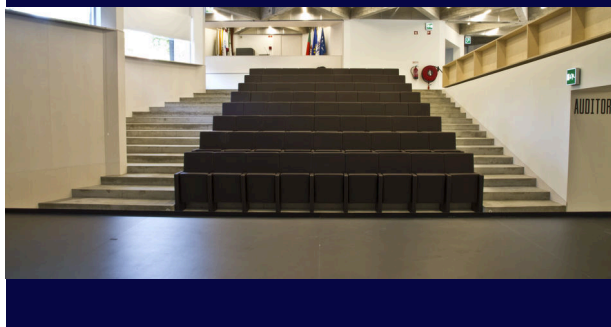
Neptuno, o Místico, encerra a composição, numa nota de enorme misticismo, um tom quase sinistro, numa composição que parece estar extremamente distante, intocável até, e que se vai perdendo mais e mais com o fim do movimento. Tal como Neptuno é o planeta mais periférico do sistema solar, o deus Neptuno está nas profundezas do oceano, algo que também é possível relacionar ao movimento, com o seu grande sentimento oceânico. A sensação de afastamento, presente em todo o movimento, mas especialmente na parte final, com o coro, que vai diminuindo subtilmente e que podemos imaginar ser um coro de nereidas, liga-se quer a um afastamento no universo, do planeta quer a um afastamento no oceano, do deus ; e a sensação de que é intocável está fortemente ligada à sua vertente astrológica, que traduz quer a intuição, quer a ilusão, ambos terrenos extremamente místicos, onde a suíte encontra o seu nome.

Esta composição, uma obra extremamente completa e interdisciplinar, que não só cobre as áreas de astronomia, astrologia e mitologia, como também as conecta, leva à luz reiteraões das representações de várias figuras míticas, sugerindo novas leituras de entidades que já conhecemos. É uma experiência sonora extremamente enriquecedora.

Clube dos Inéditos - leitura de "Homem Cão" de Rui Sousa

No dia 29 de maio, haverá uma sessão do Clube dos Inéditos – Ciclo de Nova Dramaturgia Portuguesa 2024, no Caleidoscópio, às 18h30. A entrada é livre.

O Clube dos Inéditos lerá "Homem Cão", de Rui Sousa, um texto de estilo 1984, jogo-tortura sobre a lealdade e a inocência de uma família que vê os seus pensamentos secretos e histórias passadas como um teste à sua lealdade ao estado social.



O outro lado do espelho: A Maldição de Dané

Autoria: Inês Alexandra Santos
Edição: Mariana Faísca

«Serei realmente perfeita?» «Quanto tempo vai durar?»

«Será que os outros me veem como quero que me vejam?»

«Será que ainda estão encantados?»

A mulher na sua toilette sempre atraiu a ira dos que a censuram e o desprezo misógino. O ato de polir a sua beleza esconde um coração de pedra e nada mais é do que a reflexão da vanitas. A sua coquetterie? A inevitável ruína do marido.

Ao contemplarmos os requintados retratos das mulheres renascentistas, somos cativos da sua graça, da sua beleza, da sua elegância. Há, no entanto, um objeto mundano que, embora frequente na pintura a óleo, possui toda uma vertente simbólica enterrada debaixo da variedade e riqueza das obras renascentistas: o espelho.

Este ensaio irá proporcionar ao leitor um mergulho na reflexão e na história do espelho, traçando a sua evolução histórica e o uso do mesmo feito pela arte e pela literatura ao longo dos séculos. Com base na teoria das formas de Platão, no mito de Narciso, e nas complexas e polémicas ideias de Freud, analisar-se-á o simbolismo do espelho na arte renascentista, relativamente à *vanitas* e à efemeridade da beleza feminina.

Uma jornada pela história do espelho, exploração do seu papel multifacetado na arte e cultura renascentista, «O outro lado do espelho: a maldição de Dané» desvenda os segredos deste enigmático objeto e providencia ao leitor os ocultos significados deste no retrato feminino renascentista.

Apesar das suas imperfeições e irregularidades iniciais, o espelho era considerado um instrumento mágico pelos nossos antepassados. Este permitia ao homem descobrir, através do visível, o que até então permanecera invisível.

A invenção do espelho foi primeiramente atribuída a Hefesto, o deus grego do fogo e do metal. Cenas de Coríntios admirando-se em pequenos discos de metal polidos podem ser vistos em cerâmicas do século V a.C. Decorados com cenas mitológicas, estes espelhos podiam ser também feitos de prata e outros metais

preciosos. Uma vez que a tecnologia da altura não o permitia, e enquanto não permitisse a produção de um vidro plano, fino e transparente, estes espelhos primitivos eram côncavos e convexos: os primeiros aumentando o objeto refletido, os segundos diminuindo-o.

O Renascimento, movimento desenvolvido em resposta ao período medieval, provocou, entre os séculos XIV e XVI, avanços em inúmeras áreas como a substituição da técnica da têmpera à base do ovo pela pintura a óleo, a projeção ortogonal e a perspetiva. Além do desenvolvimento a nível artístico, registou-se toda uma onda de desenvolvimentos científicos e arquitetónicos que se refletem no inovador processo de produção do espelho durante o Renascimento.

Embora Lorraine contasse com inúmeras vidrarias, a supremacia da indústria vidreira pertencia a Veneza, o local, por excelência, do espelho cristalino durante todo o século XVI. Maria de Médici foi uma das primeiras a substituir o papel oleado que forrava as janelas do seu palácio pelo vitral de «aspeto cristalino»: um luxo sem precedentes. A expansão da produção de espelhos como mercadoria de luxo em Veneza ocorreu em paralelo com a prática da pintura do Cinquecento, motivando o aumento da representação de espelhos. Com a sua reputação luxuosa, os espelhos começaram a difundir-se nos palácios dos mais ricos. A meio do século XVII já recheavam as casas burguesas urbanas e, por fim, banalizados, ficariam acessíveis mesmo aos que passeavam as grandes feiras com pouco dinheiro: entre 1638 e 1648, uma em cada três casas tinha um espelho, quando não mais (Melchoir-Bonnet, 2001).

A história do espelho revela o fascínio do ser humano pela reflexão e a dualidade do carácter revelador que o objeto exerce na realidade. Estas propriedades foram exploradas em vários contextos ao longo da história, desde o místico e religioso ao científico e artístico. Simultaneamente, o espelho levanta questões filosóficas sobre a natureza da realidade e a perceção que dela temos. O espelho é a ferramenta do conhecimento: instrui-nos sobre o nosso carácter efémero, assegurando-se de que aquele que mira o

reflexo não se pensa um Deus. Dessa forma, Alcibíades, orador ateniense do século V, institui o objeto não como propício a uma reflexão passiva, mas a uma reflexão que instiga a transformação. Segundo este, o verdadeiro espelho era o amado ou o amigo, aquele que nos presentearia com a sua vista e o seu olhar, e que produziria um reflexo tão cristalino que nos permitiria olhar o nosso interior.

Para o contemporâneo de Alcibíades, o ilustre filósofo Platão, existiam 2 mundos: o mundo sensível e o mundo inteligível. Este mundo sensível era, de certa forma, uma imitação do mundo inteligível. Embora produza uma imagem com uma aparência mais realista do que a pintura a óleo, o reflexo do espelho não provém de nenhuma realidade, pois carece de base e consistência. A reflexão, desprovida do conceito de espaço e tempo, assemelha-se à «forma» no seu carácter transcendente, aproximando-nos do simbólico. Por sua vez, a «forma» de beleza é a qualidade partilhada por tudo o que é belo: é isso que nos faz apelidar sujeitos, objetos, paisagens de «belo». Em virtude da sua imaterialidade, Platão reconheceu que o reflexo servia a consciência espiritual e o mundo inteligível. Numa perspectiva ateniense era inconcebível amar uma pessoa feia. Assim, Eros, o deus do amor, é por associação uma ponte entre a beleza inteligível e a beleza sensível e, por isso, uma «autoestrada» para o mundo inteligível.

Uma vez que a teoria de Platão sugere que os objetos no mundo físico são meras imitações de uma forma ou essência ideal, o mito de Narciso, que integra a prodigiosa coletânea mitológica da Grécia Antiga, pode ser visto como uma advertência relativamente à limitação do físico: ao confundir o seu reflexo com a forma ideal de Beleza, Narciso perde-se de amores por si mesmo, acabando por, em inúmeras versões do mito, levar à sua própria condenação.

Um dia, enquanto caminhava pelos bosques, Narciso encontrou um corpo de água. De joelhos e já com as mãos embebidas no líquido, viu-se refletido no espelho ondulante pela brisa. Os seus olhos trancaram-se aos do que estava refletido na água e apaixonou-se perdidamente pela sua própria beleza. A partir daí passava todo o tempo que podia admirando-se, deixando as estações, a fome e a sede passarem-lhe ao lado. Eventualmente,

percebeu-se que nunca poderia estar com a sua reflexão, e, enlutado, morreu junto ao espelho do seu amado, de fome e sede. Os deuses, com pena dele, transformaram-no numa flor: Narciso.

Ao mito tradicional, a poesia medieval francesa do século XII adiciona um segmento à história que permite a Narciso «aprender a sua lição» antes de morrer: além de se aperceber que este amor é um sentimento em vão, Narciso apercebe-se de que amar outro, como Dané – filha do rei de Tebas e uma pretendente que Narciso havia rejeitado – o expurgaria do seu mórbido impasse. Dessa forma, este levanta-se e reza que esta venha ao seu encontro na primavera: o seu desejo é garantido pelos deuses. Debilitado pelo tempo de fome e sede, Narciso perde a voz. Ao encontrar-se com Dané, e na esperança de explicar a razão que o levou a rejeitá-la, gesticula ao corpo de água onde se admirava, implorando que o desculpasse. Grata pelo seu remorso, Dané perdoa Narciso e os dois acabam por morrer juntos.

Amor não correspondido mata e apenas o amor de uma mulher viva pode corresponder ao amor de um homem. Para quebrar o ciclo de «autoabsorção» o homem projeta, ele próprio, a sua visão de perfeição na mulher. A partir desse momento esta age como um espelho da sua beleza ou, noutras palavras, a imagem do ideal-próprio do homem. Desta forma, Narciso pode viver a sua vida consciente de que o seu ideal está preservado na mulher, que pode retribuir o seu amor. O mito medieval clarifica uma das razões literárias e mitológicas pela qual o narcisismo não é, por norma, associado ao homem: o preço deste é a emasculação, representada pela perda da sua força e voz e, por fim, representada pela sua morte.

O reflexo que vemos no espelho é sempre uma ilusão. Lacan demonstrou que a identidade que estabelecemos com o outro lado do espelho depende da méconnaissance ou insciência: vemos uma imagem na qual projetamos uma fantasia mental.

Na sua obra «Nicholas Nickleby», Dickens captura esta fantasia através do momento em que um criado observa a Sra. Squeers a olhar-se ao espelho «(...) ela não se via a si mesma, mas o reflexo de alguma imagem agradável no seu próprio cérebro» (O’Gieblyn, 2019).

Escapou, no entanto, a Dickens, um pormenor crucial: a mulher nunca está sozinha e nunca

vê o seu reflexo como uma fantasia mental dela mesma, mas sim como o que personifica e representa – uma visão.



Fig.1- «Vénus de Urbino», Ticiano 1534 Ilustra a análise feita por John Berger relativamente à condição feminina nos próximos parágrafos

De acordo com John Berger, a presença de um homem depende da promessa de poder que este incorpora, poder que pode ser moral, físico, social, sexual... O objeto deste poder, no entanto, é sempre exterior ao indivíduo. Em contraste, a presença da mulher expressa a atitude que esta tem para consigo mesma e aquilo que aceita, definindo o que pode e não pode ser feito com ela.

Uma vez que nada do que ela faça deixa de contribuir para a sua presença, a mulher é forçada a examinar tudo o que parece ser e tudo o que faz. O que ela parece aos outros, o que ela parece aos homens, é crucial para o sucesso da sua vida. «Os homens agem e as mulheres aparecem. Os homens olham as mulheres. As mulheres observam-se a ser olhadas, vistas.» (Berger)

A pintura renascentista da nudez nunca pinta o verdadeiro protagonista: o espectador diante do quadro, o Homem. Tudo é organizado e curado para o seu olhar, é para ele que as suas «visões» assumiram a nudez, para ele que as observa ainda vestido.

Muitas pinturas ilustram a «obsessão» e gosto pelo adorno da mulher frente ao espelho com um pretexto moralista relativamente à vaidade e, por consequência, provocam uma condenação imediata da mulher pintada.

Pinta-se uma mulher nua porque a visão é de agrado, mas assim que se coloca um espelho onde o seu olhar incide, subitamente a temática da obra é a vaidade: a mesma mulher que se

retratara pelo próprio prazer.

Contrariamente à metamorfose de Narciso, não existe uma redenção neste tipo de pinturas. O narcisismo assume, por isso, um carácter fatal: «nada de valor vem da vida ou da morte de uma mulher narcisista». (Meyers, 2002)

O ato de segurar um espelho na imagem origina toda uma mudança de significado que é promovida não só devido ao vergonhoso discurso renascentista católico, que envolvia as mulheres em geral, mas também pelo que chamo «Vingança de Dané».



Fig.2- «Vénus ao espelho», Ticiano 1555 Ilustra a «Vingança de Dané», análise feita pela autora

Na sua teoria, Freud explicita que o homem experimenta o chamado «apego» ou «amor analítico»: este ama, como as crianças, a pessoa que dele cuida e de quem depende.

A sua principal necessidade provém de um desejo de amar o outro. Assim, este idealiza o parceiro amoroso, seja ele quem for.

Em contraste, as ideias Freudianas atribuem um papel preponderantemente narcisista às mulheres: ao contrário dos homens, as mulheres amam-se somente a si e desejam ardentemente ser amadas pelos homens, não amá-los.

Porque Narciso projetou em Dané o seu amor por si mesmo, esperando, como disse Freud, alguém para amar que refletisse o seu eu-próprio, quando a mulher pega num espelho, Narciso vê Dané, tirando do espelho não só a pessoa que escolheu amar, mas também a sua reflexão: o seu verdadeiro amor.

Ao contrário de Narciso, que acredita estar apaixonado por um belo “outro”, as mulheres são condicionadas a acreditar que irão perecer se a imagem no vidro desaparecer porque, na verdade, é o que acontece. Quando a beleza

expirar e o homem não mais reconhecer na mulher o seu amor-próprio, este afastá-la-á da sua afeição.

Desde as suas humildes origens como uma superfície reflexiva primitiva até ao seu luxuoso estatuto renascentista, o espelho tem sido uma fonte de fascínio e inspiração para artistas e escritores. A sua natureza multifacetada como ferramenta para a autorreflexão, autoengano e autodescoberta continua a cativar a nossa imaginação e a desafiar perceções que temos de nós mesmos e do mundo que nos rodeia. Ao olharmos para o espelho, somos forçados a confrontar a nossa própria vanitas, a natureza efémera da nossa existência e a questão de o que significa ser verdadeiramente perfeito e, neste caso, o que significa ser verdadeiramente mulher.

O peso opressivo do olhar do espectador está e estará sempre presente: «In the mirror I try to recognize him, who watches me through my eyes at the mirror» (Arthur Feldman, Titian 2021). A ideia de ser livre deste olhar parece impossível. A maldição de Dané lembra-nos que estaremos sempre confinadas a este papel de «vistas» por outros e por nós mesmas.

Apesar de tudo, a *vanitas* é um porto conhecido que, ao longo dos séculos, foi sendo iluminado pelas anteriores a nós. Hoje erguem poderosas marés àquele que mal-intencionado quiser entrar e oferece refúgio às que se presentem despidas de onde ancorar:

«Pride in one's appearance, earned by time and attention devoted to it, is a way of positively identifying the self with one's body, ... an antidote to the historical traditions and contemporary tendencies that alienate women from their bodies» (Meyers, 2002).

Bibliografia

- Berger, John. Ways of Seeing: Based on the BBC Television Series. Penguin Books, 1990. "Titian 2021." Titian 2021, tiziansfrauenbild.khm.at/en.
- Melchoir-Bonnet, Sabine. The Mirror: A History. 2001.
- Meyers, Diana Tietjens. Gender in the Mirror: Cultural Imagery and Women's Agency. 2002.
- O'Gieblyn, Meghan. "Objects of Despair: Mirrors." The Paris Review, 4 Mar. 2019, www.theparisreview.org/blog/2019/03/04/objects-of-despair-mirrors.



10 Anos 10 Visitas - Visita 9

No âmbito das Comemorações do seu 10º Aniversário em 2023, 10 espaços emblemáticos da UL vão abrir-se à comunidade académica, ao público e à cidade. A Visita 8 será feita aos espaços da Ajuda – Belém: Jardim Botânico da Ajuda, Jardim Botânico Tropical, no dia 15 de junho de 2024, às 15h.

A visita será orientada, terá a duração de 3h e é gratuita, com inscrição obrigatória até 24h antes. Para mais informações, consulta a agenda cultural da Universidade de Lisboa.

Um Elogio À Reforma

Autoria: Carolina Franco
Tradução: Sara Fernandes
Ilustração: Maia Aguiar

Querida Elizabeth,

Escrevo esta carta mesmo sem acreditar que a irás receber. A tua luta pelos direitos das mulheres e pela igualdade de género inspiraram-me. Pela primeira vez, acredito que sou uma cidadã deste país, tal como qualquer homem. Não há comparação possível para a tua dedicação, e respeito a força que tiveste para assumir uma posição tão controversa perante o mundo. Por isso, é em teu nome que tomo uma decisão: eu escolho resistir.

Recuso-me a aceitar um mundo que insiste em definir o valor de uma mulher através do seu estado civil. Recuso-me a obedecer às parvas expectativas sociais que vêm com os papéis de género. Não sou propriedade de um homem, se me quiser casar é porque encontrei o amor e refúgio numa pessoa com a mesma posição que eu. Recuso-me a ajoelhar perante qualquer pessoa que não seja Deus, não vou conformar-me com ter de me encaixar no molde que a sociedade desenhou para mim - para as mulheres. Declaraste os nossos direitos, e os nossos sentimentos.

Vou desenhar o meu próprio caminho, apesar de estar extremamente consciente das consequências que as minhas ações podem ter. Estou pronta para que me olhem de lado devido à minha decisão de fugir à norma.

Encontrei a força para suportar qualquer julgamento ou crítica, alimentada pelo fogo da tua convicção e pelo fogo das mulheres que subscreveram as tuas palavras. Não vou temer ou rebaixar-me.

Porque deve a minha realização pessoal estar ligada a um casamento sem amor? As mulheres nascem e são criadas para que possam ser úteis para os homens? Se sim, quão diferentes somos de gado? Eles procuram confinar-nos e limitar-nos porque sabem que somos muito mais do que eles queriam que fôssemos - donas de casa em estado vegetativo sem opiniões ou desejos pessoais.

Escrevo-te para exprimir a minha gratidão pelo caminho que construístes. À medida que navego este território desconhecido, conforta-me saber que há mulheres como eu, que se recusam a ser confinadas aos limites que a sociedade estabeleceu neste mundo injusto e sem igualdade. Todas as mulheres que tomam uma posição neste assunto são como uma estrela que me guia. Como uma luz que, quando estou com dúvidas ou a insegurança bate à porta, me lembra porque é que tomei esta decisão. Por isso, obrigada por seres um raio de esperança e coragem. O teu legado continua a inspirar e empoderar, e por isso, estou profundamente grata.

Com a mais profunda admiração,
Janette Alston



Nota: Esta carta foi escrita por uma personagem fictícia Janette Alston do conto *The Two Offers*, escrito por Frances Ellen Watkins. Nesta carta, ela agradece a Elizabeth Cady Stanton, uma escritora e ativista americana que foi a líder do movimento pelos direitos das mulheres, depois de ter escrito a Declaração de Sentimentos, em 1848.

próximas vidas

Autoria: Xavier Cardoso
Edição: Matilde Maia

sento-me aqui neste barco a afundar
com tudo o que fiz, mais não podia dar.
impossível esquecer a tua beleza, o teu paladar.
afogo-me no pensamento do meu constante azar.
falo contigo, mas não sinto que estamos a falar.
prefiro dar tudo e morrer do que estar vivo sem amar.
nunca te esqueças de que nunca chegámos a ir ver o mar.
as ondas foram, as ondas vieram, mas tu não quiseste voltar.

carrego nas minhas mãos a vela da tua ausência.
a nossa história de amor foi um espetáculo sem audiência.

contigo não acreditei em efemeridade,
porque em mim existiu a crença na nossa imortalidade.
tu foste embora e agora tenho em mim esculpida a palavra saudade.

almas despidas são sempre pessoas bem vividas,
talvez nos veremos em próximas vidas.

OSSOS

Autoria: Clara de Freitas
Edição: Ana Espadinha

Quando o silêncio engole a noite
E nenhuma voz me vem salvar,
O meu corpo não controla
Nem quer controlar
Tudo o que me engloba e me quer matar.

Cada pequeno som faz-me desmoronar
E cada inspiração faz-me querer parar.

Concentro-me no meu ser,
Na carcaça de quem sou
– Uma mulher completamente oca
Que quer amar, mas antes não amou.

E com cada movimento desejo o sono,
Pois apenas ouço.
Ouço cada osso, cada músculo e tendão
Que me compõe e me permite respirar,
Me permite chorar, me permite errar.
E nesse momento todos quero partir e arrancar.

Quando o silêncio engole a noite, começo a rezar.
De joelhos, ouço o som de quem implora,
Mas nunca o som de com quem quero falar,
De quem a ajuda chego a esperar.

O céu é inabitável, mas mesmo assim continuo a olhar;
Continuo a focar-me na reza,
Para o meu som conseguir apagar.
E, Deus, fale!
Fale porque preciso de respirar
Sem qualquer som meu que me vá atormentar.

Uma Voz Silenciosa

Autoria: André Lomba Miguel
Edição: Ricardo Cerdeira

Em ti encarei a ingratidão. Em mim plantaste a dúvida que me fez subestimar a pessoa que sou. Não me magoaste, apenas me internaste no meu próprio mundo. Estimas muitos amigos teus, mas foste incapaz de me aceitar como alguém a que se prestasse o devido valor, mesmo depois de o que te dei. Estimas sangue do teu sangue, mas foste incapaz de estimar quem te estendeu a mão para te acolher. Dei-te as provas de amor de que precisavas, dei-te o que possivelmente nunca tiveste e que poderia ter sido mais, muito mais, mas que não soubeste agarrar com unhas e dentes. Apesar do tempo que já lá vai, eu não me esqueço, não. Não dá para esquecer algo assim. Só soubeste desvalorizar tudo. Saíste sem os devidos motivos. E até hoje ainda te achas detentora de razão, de que a tua escolha foi sensata, que a ira que semeaste em mim vale tanto quanto uma pequena partícula de pó...

Pediste para que me fosse embora. Imploraste por isso. Fizeste-o por causa do teu egoísmo e por não querereres ver o bem que eu ainda conservava dentro de mim. Comigo foste o que nunca terias sido com mais ninguém. Comigo foste insensível e só consegui ver insatisfação da tua parte quando viraste costas. Achas que os teus detalhes são minuciosos, mas consideras os meus escandalosos e um motivo de abandono. Apesar da tua imperfeição, ainda me ofereci para ficar ao teu lado. Mas como seria de esperar, foste-te.

Por tua causa, o meu mundo adoeceu. Se tivesse sido eu o receoso, todos cair-me-iam em cima. A verdade é que eu também nunca teria a bravura que tu tiveste. Mas o que fizeste não foi um ato de coragem, não. Foi um ato de negligência. E é claro que eu nunca me poderia opor. Mas tu podias, se tivesse sido o oposto. Sei bem quais seriam as opiniões alheias se tivesse sido eu ao invés de ti.

Fizeste o que achaste por bem fazer. E ainda tens a audácia de te fazeres de vítima e de me acusares por ainda nos cruzarmos neste mundo. Que vitória queres tu afinal com isto? Sentes a necessidade de gritar? Queres-me enterrar com as tuas próprias palavras? Com as tuas súplicas que não são súplicas, mas sim fingimentos? Para quê? Para que ninguém saiba quem tu foste para comigo? Para espalhares algo que não é verdade? O teu grito

é falso. Não existe pureza na tua voz. A minha é silenciosa, mas é ela que carrega a verdade, única e pura. Ela é a voz que tu não queres que os outros ouçam.

De certa forma, sinto-me lisonjeado por me dares esse palco, por me apontares esses holofotes. Mas ainda assim é um pouco incómodo considerares-me um perigo e querereres dar a entender isso ao teu público. Mas o verdadeiro perigo és tu. És capaz de dirigir as mais doces e delicadas palavras aos milhares de pessoas que neste mundo sofrem com doenças, passam fome, vivem guerras todos os dias e que muito provavelmente nunca te retribuiriam a bondade, mas és incapaz de dar o devido valor a alguém como eu que também tem os seus tormentos e desilusões, assim como a sua própria tristeza e que fez o que achou por bem fazer para te ter. Isso sim é perigoso.

Espero que compreendas um dia. Que saibas o que é sentir-se desconsiderado por alguém, que saibas o que é senti-lo na pele como eu também o senti contigo. Acredito que por essa altura estarás a desejar algo melhor do que a solidão, mas isso já não será problema meu. Não me temas mais, pois a vingança em mim foi passageira e noutras mãos encontrei o devido conforto que nunca encontraria contigo contigo. Querer-te foi um erro que me custou demasiado caro.

Desengana-te se achas que alguma vez senti saudades. Não caminho por este mundo a achar que vivi algo belo contigo. Para mim, foi tempo perdido. Desengana-te também se achas que um dia não será assim contigo. Se um dia, eventualmente, não sentirás uma lança de desvalorização a atingir-te e a cravar-te o coração da mesma forma que eu senti quando me expulsaste.

Se um dia achares que deves gritar, grita à vontade, mas o teu grito sairá como o vento. Ninguém o ouvirá, pois da tua boca não emanará razão. Apenas palavras sem fundamento e que de nada te servirão. Irás sufocar-te nessas tuas palavras. Esse teu grito nunca será a minha eterna sepultura, mas sim a tua. Um grito surdo, onde ninguém o irá ouvir, onde a verdade não existe, onde em cada letra escorrerá um veneno que queres que todos escutem... mas que ninguém irá escutar.



Associação de Estudantes | FLUL
@aeftul
www.facebook.com/aeftulisboa

**PARA SABERES MAIS SOBRE O JORNAL O COLA CONSULTA
AS NOSSAS REDES:**

 @JORNALOCOLA

 @JORNALOCOLA

 JORNAL O COLA

 JORNALOCOLA@GMAIL.COM

WWW.JORNALOCOLA.COM